O HYSSOPE,

POEMA

HEROI-COMICO

De Antonio DINIZ da Cruz e Sylva.

— — — Ridentem dicere verum
Quid vetat?

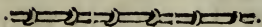
HORAT. lib. 4. Sat. 1.

— — — Ridiculum acri
Fortius et melius magnas plerumque secat res.

HORAT. lib. Sat. 10.

EM LONDRES,

No Anno de 1802.

ARGUMENTO.

Jozè Carlos de Lara Deaõ da Igreja d'Elvas, querendo obsequiar o seu Bispo o Ex.mo e Rev.mo D. Lourenço de Lancastre, vinha offerecer-lhe o Hyssope à porta da Caza do Cabido, todas as vezes que este Prelado îa exercitar as suas funçoẽs na sè. Depois, esfriando esta amizade por motivos que nos saõ occultos, mudou o ditto Deaõ de systema; o que o Bispo sentio em extrêmo: como uma grande affronta feita a sua ill.ma pessoa: e para o obrigar a continuar no mesmo obséquio, maquinou com alguns seus parciàes do Cabido, que este lavrasse um Accordaõ, pelo qual o Deaõ fosse obrigado, debaixo de certas multas, a naõ o esbulhar da pertendida pòsse, em que se achava. Deste terrivel Accordaõ appellou o Deaõ para a Metròpole, onde teve sentença contra si. Esta è a acçaõ do Poema.

Passado pouco tempo depois da referida sentença, morreu o Deaõ, e lhe succedeu no Deado um sobrinho seu, chamado Ignacio Joaquim de Alberto de Matos, o qual recusando sujeitar-se, como seu Tio, ao sobreditto encargo, foi pelo Bispo asperamente reprehendido, e ameaçado. Entam interpoz o mesmo um recurso a Còroa, cujo Tribunal mandando ao Bispo dar razaõ do seu procedimento, este cheio d'um terror pânico, desistindo da imagiuada pòsse, negou haver tal Acccordaõ, e tudo quanto tinha obrado a este respeito.

Tudo isto dà matèria ao Vaticinio de Abracadabro, e è um dos Epizodios de que se reveste o presente poêma.

O HYSSOPE,

POEMA

HEROI-COMICO.

CANTO PRIMEIRO.

Eu canto o Bispo, e a espantosa guèrra,
Que o Hyssope excitou na Igreja d'Elvas.
Musa, Tu, que nas margens aprazíveis,
Quêo Sena bórda de arvores viçosas,
Do famoso Boileau a fèrtil mente
Inflammaste benigna, Tu me inflamma,
Tu me lembra o motivo. Tu as causas,
Por que a tanto furor, a tanta ràiva
Chegaraõ o Prelado, e o seu Cabido.

Nos vastos intermundios de Epicuro
O graõ payz se estende das Chymèras,
Que habita immenso Povo, differente
Nos costumes, no gèsto, e na linguagem.

Aquî nasceu a Mòda, e d'aquî manda
Aos vaidosos mortàes as vàrias formas
De sèges, de vestidos, de toucados,
De Jògos, de Banquêtes, de Palavras,
Unico emprégo de cabeças ôccas.
Trezentas bellas, caprichosas Filhas,
Presumidas a cèrcaõ; e se occupaõ
Em buscar novas artes de adornar-se.
Aquí seu berço têve a espinhosa
Escholàstica van Philosophía,
Que os Claustros innundou; e que abraçaraõ
Atè à morte os perfidos Solipsos.
Daquî sahiraõ, a infestar os campos
Da bella Poezia, os Anagrammas,
Labyrinthos, Acròsticos, Segures,
E mil especies de medonhos Monstros,
A cujà vista as Musas espantadas,
Largando os instrumentos, se esconderaõ
Longo tempo nas grutas do Parnasso.
Aquî (cousa piedosa!) alçou a fronte
A insipida Burlettà, que tyranna
Do Theatro destèrra indignamente
Melpòmene, e Thalía; e que recèbe
Grandes palmadas da Naçaõ castrada.
Do denso Pôvo, que o payz povôa,
Um com pròdiga maõ riccos thezouros,
A trôco d'uma Concha, ou Borboleta,
Ou d'uma estranha Flor, que represente

As vivas côres do listrado Iris,
Dispendem satisfeitos: Outros passaõ,
Sem cessar, revolvendo noite e dia,
Do antigo Làcio antigos manuscriptos,
Do roaz tempo meio-consumidos,
Para depois tecer gròssos volumes
Do = H = sobre a pronuncia; ou se se dève
A Conjunçaõ unir ao Verbo, ou Nome,
Que marchaõ antes della no discurso.
Alguns (mîsera gente!) inutilmente
Compoem grandes Illiadas, e técem
Aos vaidòsos Magnatas, mil Sonettos,
Mil Pindàricas Odes, e Epigrammas,
A que apenas de olhar elles se dignaõ.
Estes, cujas cabéças disgraçadas
Naõ bastaõ a curar tres Anticyras,
Abrazados se crém d'um sancto fogo,
E ter commercio com os altos Deoses:
Senhores da aurea fama, e seus thesouros
Se inculcaõ aos Heròes, e em seus delirios,
Se julgaõ màis felizes, e opulentos
Que o grande Imperador da Trapizonda;
Em quanto, na pobreza submergidos,
Cobertos de baldoẽs, e de improperios
Dos Riccos ignorantes, e dos Grandes,
Com mòfa, e com desprezo saõ olhados.

Deste pois populoso, e vasto Imperio

Em paz empunha o sceptro poderoso
O Gènio tutelar dos Bagatèllas.
N'um magestoso Alcàçar, que se elèva,
Com estranha structura, atè às nuvens,
Assiste o grande Numc; e d'alli rège
A Lunàtica gente a seu arbitrio.
De transparente talco fabricado
È o largo edificio, que sustentaõ
Cem delgadas columnas de missanga.
Nos quatro lados, em igual distancia,
Quatro torres de lata se levantaõ,
Do Capricho ôbra, em tudo, muito prima,
Onde a matèria cède muito à Arte.

Aquî pois a Concelho chama o Gènio
Do seu Impèrio os principàes Dynastas.
N'um vistoso sallaõ, todo coberto
De papèl prateado, e lantejoilas,
Se ajunta a grande Corte; e allî, por ordem,
Assentando-se vài: aos pès do throno
De alambres e velòrios embutido,
A Lisonja se via, e a Excellencia;
Segue-se a Senhorîa, e a baixo d'ella,
O Dom surrado, as grandes cortezîas,
O Wisth, o Trinta e um, os Comprimentos;
E lògo o Vamperismo, os Sortilegios,
Os Sylphos, Salamandras, Nymphas, Gnomos
E os outros Gènios da subtil Cabàla.

De mil vans Ceremonias rodeada,
Os assentos reparte a Precedencia.

Compôsto o graõ rumor, e socegado,
Assim do alto do throno o Gènio falla:
,, Illustres moradores deste excelso
Magnifico Palacio, bem sabido
Jà hà muito tereis o quanto dève
O meu augusto Gènio, a nossa Côrte
Ao graõ Prelado, que as ovelhas pasce
Dos Elvenses redîs: notòrio a todos
Sem duvida vos è, como pospondo
Das funçoẽs màis piedosas o cuidado,
A's nòssas bagatellas, sò se empréga
Em cousas vans, ridiculas, e futeis.
A corrupta, mas real Genealogîa,
O roxo tercio-pêlo dos sapatos,
As pedras, que lhe esmaltaõ as fivèllas,
A preciosa Saphyra, a linda Caixa,
Onde, sobre Amphitrite (que tirada
De escamosos Delphins, n'uma aurea Concha,
Os verdes Campos de Neptuno undoso,
Cercada de Tritoẽs, nûa passeia)
Do famoso Martin o verniz brilha,
Seu emprego sò saõ, e seu estado.
Em fim, entre os mortàes, naõ hà quem renda
A' minha Divindade maior culto.
Agradecido pois ao grànde empênho,

Que mòstra em nos honrar, tenho disposto
Dar à sua vaidade um novo pasto.
Que a uma escusa pòrta o Deaõ sàya
C'o Hyssope a espèra-lo, determino.
Deste meu parecer quiz dar-vos parte,
Naõ sô para escutar os vossos vòtos,
Mas para que sàibàes e fiqueis cèrtos;
Que a Côrte naõ fazeis a um Nume ingrato. ,,

Acabou de fallar; e confirmando
Todo o sabio Congrèsso o seu dictame,
Um sussurro no Cônclave se espalha,
Ao do Zèphyro em tudo similhante,
Quando nas frescas tardes suspirando,
A bella Flora segue, que travêssa
Cà, e là, entre as flores, se lhe furta.
Mas a van Senhorìa, que se lembra,
Que em caza do Deaõ sempre encontrara
A màis benigna, a màis cèrta guarida,
Que seu nome na bocca do Lacàyo,
Do Cuzinheiro, e da Ama andava sempre,
A cabêça movendo descontente,
Tres vezes escarrou, e a vòz alçando,
Dèsta sorte fallou ao graõ Despòta:

,, Soberano Monarcha, que Tu queiras
Premiar a quem te honra, emprêza digna
É de teu coraçaõ: eu mesma appròvo,

E mil vezes dictára este consêlho:
Mas que, para o fazer, hoje pertendas
Que um Deaõ de *Crescente*, e curta vista
A dignidade abâtta, e a esperar sáya
N'uma pòrta de escada o seu Prelado,
Nem justo me parece, nem louvavel.
Se Tu quères honrar sua Excellencia,
Outras maneiras hà de consegui-lo:
Na mesma Igreja de Elvas, e Cabido
Hà um Bastos, um Souza, dous Aporros,
Que, juntos com os Pirras, pòdem todos
Inda à mesma commũa accompanha-lo,
Levantar-lhe a cortîna do trazeiro,
Lavar-lhe o nêdio cû, — e atè bejar-lho.
Estes, e outros d'esta mesma estôffa,
De que o Bispado quasi todo abunda,
A's còstas vaõ buscar o gordo Bispo,
Que inda que um pouco pèza, vem seguro;
Que saõ Cavallos mèstres, e possantes.,,

Màis querîa dizer o vaõ Dynasta,
Quando, do seu assento, esbravejando,
Se levanta impetuosa a Excellencia.
O furor que lhe inflamma o grave aspècto
As palavras lhe còrta; e principîa
Cem vezes o discurso, e lògo pàra:
Atè que, nèstas descompostas vozes
Finalmente atrooa a grande sàlla:

,, Como! E è possivel que haja quem se atrêva,
Neste Congrèsso, a oppor-se, cara a cara,
Aos obsèquios, que Tu, oh Nume, ordenas
A uma Reverendissima Excellencia!
Um Deaõ, c'o seu Bispo comparado
Um cominho naõ è? Se Tu, oh Nume,
O teu grande projecto naõ sostentas,
Eu sò... ,, E nisto batte o pè na Caza.
Ao rijo som da bestial patada
Tremeu o règio sòlio, e o pavimento.
Assentos, e Assistentes assustados
Cahiraõ pela terra. Entam o Gènio
Alçando um pouco a vòz: ,, Basta (lhe disse)
Eu disputas naõ quèro em meu Concelho.
Minha resoluçaõ està tomada;
Eu a escrevi, eu mêsmo, em meu Canhênho;
E o que escrevo uma vêz, nunca màis bórro. ,,

Aquî, c'o rosto um pouco carregado,
O Cônclave despéde; e lògo chama
A vistosa Lisonja, que n'um ponto
Cem càras, cem vestidos, cem figuras,
Cem linguas tòma, e muda brevemente
De palavras, e tom, segundo o gôsto
Dos que o governo tem, e assim lhe falla:

,, Magnate principal da minha Côrte,
Eu, para executar este projecto,

Entre todos te escôlho ; diligente
Parte a cumpri-lo ; pois de tuas artes ,
E de ti sò confio a grande empreza. „

Acaba ; e màis velòz que a lève sètta
Parte do Itureo arco , ou na alta noite
Cahir se vê do Cèo brilhante estrella ,
Vôa o falso ministro , abrindo os ares.

Junto da bocca do cruèl Averno ,
A Provincia se vê da Dependencia ,
Cujos Campos retalha , murmurando ,
Um pequeno ribeiro de àgua turva.
Naõ cria em suas margens tronco altivo ;
Mas sò hervas humildes , e rasteiras
Produz o seu humor ; se algum arbusto
Màis viçoso rebenta , as suas fôlhas
Tem para a tèrra todas inclinadas.
Funesto influxo do liquor maligno ,
Que o succo lhe ministra ! Aquî , voando ,
A Lisonja chegou ; e enchendo de àgua
Uma pequena enfusa , que trazia ;
As azas àbre , parte alegremente ,
Fendendo os lèves àres ; mil Cidades ,
Mil Povos deixa atraz , atè que chega
Da famosa azeitona à grande Terra.

Aquî , tomando a forma do Lacàyo

Do farfante Deaõ, entra na Caza,
A tempo, que de Chambre, e de Chinèllas,
Pela comprida salla passeava,
Sorvendo uma pitada de tabaco,
Do quando em quando sua Senhoria.
Ora à janèlla chêga, e applicando
Uma pequena lente à curta vista,
O que passa na Praça vigiava;
Ora arrotando, para dentro, torna.
Ardìa entam em calma toda a tèrra,
E o calor, que as goèlas lhe seccava,
Lhe faz bradar por àgua, e caramèlos.

A Lisonja, que idoneo tempo vira
Para tamanha empreza, um còpo enchendo
Da turva Lympha do regato impuro,
Com quatro caramèlos, n'uma salva
Lhe levou mui lampeira; elle sorvendo,
Com muita mogiganga o fôfo assucar,
Os dêdos lambe, e lògo o còpo vaza
Do maligno liquor dentro na pansa.
Acabou de beber; e pouco a pouco
O veneno se actûa dentro na alma.
Uma chamma subtil, um vivo fôgo
Lentamente se ateia: arde em dezejos
De ir o Bispo buscar, de offerecer-lhe
O màis activo incenso; mil obsequios
Na cabeça lhe ròlaõ, e o transportaõ:

Da tarde em todo o rèsto naõ socèga,
Nem na profunda noite estas ideias
O deixaõ descansar um sò momento:
Sobre os fôfos colchoẽs revolve o corpo;
Mil maneiras pensando de adula-lo.
Umas vezes lhe lembra debuxar-lhe
Em dourado papèl sua prozapia,
Mas de Genealogìa nada entende
O triste, por seu mal: outras lhe occòrre
Ir calçar-lhe os sapatos: com inveja
O'lha do illustre Almeida a feliz sorte,
Que os pratos, e a bebida lhe ministra.
Da noite a maior parte assim consòme
Nestes projectos vaõs; e em nada assenta.

Atè que, junto áo tôque da alvorada,
A Lizonja, tomando a lève forma
D'um doce sonho, apenas cerra os òlhos,
Entre mil vaõs phantasmas lhe apparece,
E assim lhe falla: « Oh grande Dignidade,
Cabeça illustre do Cabido Elvense,
Se do teu alto engenho hoje pertendes
Dar ao Mundo uma prova, humildemente
Tomando o bento Hyssope, à porta nova,
Com elle, o teu Prelado, prompto espèra.
Honrar nossos Mayores cousa è sancta,
Que a Natureza inspira: da Syntaxe
O Cartapacio diz, que màis illustres

Seremos, quando fôrmos màis humildes. »

Neste ponto accordou o Prebendado;
E vestindo-se à prèssa, a Igreja còrre,
Sem fazer oraçaõ, o Hyssope tòma,
E com elle, na porta sinalada,
Sua Excellencia espéra: alli apenas
Da liteira assomou o grande macho,
Por tèrra se prostrou, e desta sorte
Ao Pastor, que se apeia, o Hyssope off'rece,
Que uma sancta vaidade respirando,
Nelle alègre pegou, e o sacro Aspèrges
Circunspecto lhe lança; em si cuidando,
Que todo este profundo acatamento
A seu illustre berço èra devido;
E, nèstas vans idèias engolfado,
Foi devoto cantar a grande Missa.

⟡

CANTO II.

Reinava a doce paz na sancta Igreja ;
O Bispo, e o Deaõ, ambos conformes
Em dar, e receber o bento Hyssope,
A vida em ócio sancto consumiaõ.
O bom vinho de Malaga, o prezunto
Da célebre Montanche, as Galinholas,
As Perdizes, a Rôla, o tenro Pombo,
O graõ Chá do Pekin, e là da Mèca
O cheiroso Caffé, em lautas mezas
Do tempo a màyor parte lhes levavaô ;
E o restante jogando exemplarmente,
Ou dormindo passavaõ, sem senti-lo.

Em tanto a Senhorîa, em cujo peito
Altamente ficou depositada
Da soberba Excellencia a petulancia,
Mil vinganças na mente revolvendo.
Com-sigo mesma diz : » Que ! Por ventura
Naõ sou Eu a sublime Senhoria,
Idolo de Peloẽs, e de Casquilhos ?
Quantas Moças gentîs, em cujos rostos
Entre Lyrios brilhar se vem as Rosas,

A meu culto naõ rendem seus cuidados?
Quantos graves Varoẽs, que sobre os livros,
Ou de cans sob os élmos se cobriraõ?
Nas riccas, e faustosas assembléas
Naõ tenho porta franca? Naõ me fazem
Os Circunstantes todos mil lisonjas?
Naõ córrem apoz mim? naõ me festéjaõ
Pois como soffro que a Excellencia altiva
A seus pès me derrube, e me atropelle?
Que triumphe de mim impunemente?
Ah! se esta injuria soffro, com desprezo
Entre a gente será meu nome ouvido:
Nem em Cazas armadas de Damasco,
Ou de pannos deraz, onde spumando
Na ricca transparente porçellana,
De Carácas se sérve o Chocolate,
Roda o Chá, o Caffé, se joga o Wisth,
Terei, como costumo, entrada livre:
E sómente nas lojes dos Barbeiros,
Ou pintadas boticas, entre as mõscas,
A vida passarei triste, e sem honra.
A's armas pois corramos, e à vingança;
Que desmayar à vista dos perigos
È de animo abattido indicio cérto.
Mil artes, mil maneiras de vingar-me
Buscarà minha astuccia. O mundo inteiro
Hoje conhecerá minha potencia. »
Disse: e sobre o velòz dourado carro,

Que tiraõ seis Pavoēs, irada sôbe,
Levemente rasgando o ar sereno.

Nas entranhas de Rhòdope escabrosa
Uma furna se rasga, tam medônha,
Que um gelado tremor, à sua vista,
Dos tímidos mortàes os òssos córre:
Aquî luttando sempre em viva guerra,
Rugem mil furacoēs de oppostos ventos:
Aquî se ouvem silvar horrendamente
Górgones, e Cerastas: a Discordia
Aquî morada tem, aquî seu throno.
A este horrendo hospicio a Senhorîa,
Battendo as rèdeas às pomposas àves,
Guia o soberbo Carro, espavorida
Da triste vista do medônho alvérgue.
Tres vezes quiz atraz volver o vôo
Das bellas àves o soberbo tiro,
E tres vezes o Génio vingativo,
Sacudindo raivoso o longo açoute,
O constrange, por fim, a tomar térra.
Allî do Carro désce, e às palpadélas,
Pela céga Cavérna entra animosa.
No màis profundo da sombria estancia
Assiste a cruél Deoza, cujo rosto
Apenas se divisa, à luz confusa,
Que espalhaõ, respirando de continuo
Por òlhos, e gargantas cem Serpentes.

Aquî o Gènio chega; e derribado
Pela tèrra, que beja humildemente,
D'esta sorte fallou: « Nume terrivel
Cujo grande poder, cuja vingança
A Terra faz tremer, e o mesmo Olympo;
A teus pès hoje chega a Senhorîa;
Atrozmente ultrajada, o teu soccorro
Contra a féra Excellencia humilde implora,
Se de peitos illustres gloria, e timbre
Foi sempre proteger os desvalidos,
Tu me vale em meus males, Tu castiga
D'um Génio insultador a petulancia.
Alêm disto presumo, naõ ignoras,
Que o farfante Deaõ da Igreja de Elvas,
Esquecido da sua dignidade,
N'uma pòrta travéssa, o bento Hyssope,
Pela baixa lisonja persuadido,
Vem, sem brio, off'recer ao gordo Bispo.
Daquî nasce a Concordia, que hoje reina,
Em desprezo da tua Divindade;
Na mesma Igreja o Ocio, e a Perguiça,
De teu poder zombando, nella habitaõ
Tu mesma, se o meu pranto te naõ móve,
Para credito teu, perturbar déves
Esta serêna paz, que o Ocio nutre.
Tu pòdes, se te agrada, a um só acêno,
No seio da familia màis conforme,
Dissençoẽs semear, motins, e bandos,

Banhar no fraternal sangue innocente
O buîdo punhal; e n'um momento
A Terra confundir, e o Mar profundo:
Mil Fraudes, mil Ciladas, e mil Tramas,
Como Escravas fièis, promptas te sérvem,
Do Deaõ fascinado pois desperta
A innata presumpçaõ o genio altivo.
Tu faze, que conheça o desar grande,
Em que cahido tem, e se arrependa
Do baixo incenso, que à Lisonja rende.
Tu lhe traze à memoria, que seu nome,
Seu nome illustre, na futura idade,
Dos Deoẽs no catàlogo, com mòfa
De todos os vindouros será lido;
Sabendo-se, que a tanto abàttimento
Seu spirito chegou; Tu furiosa
Os ànimos altéra, e a paz destèrra. »

Disse: e o tyranno Nume respirando
Das entranhas um negro e vivo fogo,
Desta sorte responde: « Bem conheço,
Oh nobre Senhorîa, quanto devo
A teu soberbo influxo; quantas vezes
Auxiliado tens minhas Cabalas.
Sei, que, por teu respeito, se naõ falla,
Na Terra, muita gente, as muitas mortes
De que authora tens sido. Naõ me esquéço
Do que devo aos amigos. Vâi segura,

Que eu jà parto a vingar tuas affrontas. »

Aquî, sobre um feroz Dragaõ montando,
Ràpidamente vôa: incendios, mortes,
Sacrilégios, traiçoẽs, roubos, ruinas
Vài deixando a Cruél, por onde passa.
Chega dos Elvios à Colonia antiga,
E vendo de passage os Dominicos,
Entre o Prior, e os frades mil disputas
Sobre o Chà, sobre o Jôgo, e sobre os Dôces,
Que aos Tafues, com maõ larga, dà na céllа,
E sobre os trastes, que às Senhoras manda,
Tyrannamente excita: alguns gritavaõ
Que o Convento roubava, que a Clausura
E religiosa vida se perdêra:
Outros, cheios de chólera, gritavaõ,
Que por jogar o Wisth, e dar merendas,
As rendas dissipava do Mosteiro;
Que por isso, no sancto Refeitorio,
A Fóme cruelmente os consumia.
Mas o sancto Prelado, todo cheio
De exemplar paciencia, e de modestia
Vociferar os deixa, — e vài jogando.

Entre tanto a Discordia encara a porta
Do grande Presidente do Cabido,
A tempo que estirado, à perna sôlta,
Sobre um molle Sophà, dormia a sèsta.
Roncava mui folgado, e cada ronco

A grande salla estremecer fazia.
Allî, encarquilhando o feio rosto,
Um Rosario tomou, e na figura
Da velha, e carunchosa Ama se torna:
Assim, a lentos passos caminhando,
Ao Cónego chegou; assim o accòrda:

« Como, em tam doce paz assim repousa,
Dórme, e descansa vossa Senhorîa?
Ao mesmo passo, que na Térra toda
Do seu nome se faz ludibrio, e mòfa?
Como (discorrem uns) como é possivel
Que o bom Capitular, que vio o Papa,
Que em Roma conversou com o Datario,
E do sacro Palacio com o Mestre,
Que jòga o Trinta e um, e màis o Wisth,
Que Chà, e que Assemblèa dà em Caza,
A tanto abattimento hoje chegasse,
Que à porta da Commua o Hyssope traga,
Para off'rece-lo a um Bispo de mà mòrte?
Outros dizem. — Parece cousa incrìvel,
Que a principal figura do Cabido,
Que tem lôba de seda, e trouxe às còstas,
Lá da famosa Italia a Senhorîa,
Tanto de si se esquéça, e do seu cargo? —
E Vossa Senhoría, ao Ocio entregue,
Dòrme profundamente? Accorde, accorde
Desse mòlle lethargo, que è jà tempo;

Veja o que deve a si, aos seus Mayores,
A' grande Dignidade, que, brilhando
Com seus rayos, o cerca magestosa;
E deixe a vil Lisonja, que o arrastra. »

Aquí, os turvos òlhos esfregando,
O Deaõ abre a bôcca, estende os braços,
A cabeça levanta, e desta sorte
Ao Monstro enganador irado falla:
« Que frenezim è este, Vélha tonta?
Està fòra de si? ou bebeu vinho,
Que o miòlo lhe faz andar à ròda?
Rèze nas suas contas. Quem a métte
Em cousas a fallar, que naõ lhe tóccaõ?
Và-se lògo d'aqui... » Nestas palavras
Outra vez, sobre o molle travesseiro
A pezada cabeça cahir deixa.

Entam a cruèl Deosa, ardendo em ira:
« Pois naõ queres de grado (lhe tornava)
Por teu brio acudir, a minha força
Agòra provaràs. » Isto dizendo,
A furtada figura prompta déspe,
As hydras, arrepèlla, da cabeça,
E cheia de furor, uma arrancando,
No seio do Deaõ, feroz a lança,
E subito pelo ar desaparece.
Em tanto a cruèl hydra a càuda férra

Do Cónego nas miseras entranhas.
Em Delphos a famosa Pythonissa,
Toda agitada d'um furor Divino,
Naõ géme tam convulsa, tam raivosa,
Naõ córre, naõ retorce os vivos ólhos,
(Naõ podendo soffrer a Divindade)
Como o pobre Deaõ do Sophà salta;
Correndo furioso toda a salla,
« Armas, armas (bradava) guerra, guerra. »

A estas vòzes acòde diligente,
Da Caza toda a gente; e presumindo,
Que algum grave accidente lhe roubara
De todo o pouco sizo, pègaõ nelle,
E por força o levaraõ para a camà,
Onde a cru cachaçaõ, a murro sêcco,
Lhe fizeraõ cessar parte da ràiva.

CANTO III.

Era dia de fèsta, e na alta torre
Da grande Cathedral de vinte sinos,
O grave Carrilhaõ, rompendo os ares,
Os freguezes chamava à grande Missa;
Quando sua Excellencia vigilante,
Montando a gran Liteira, em que se via,
Com modestia exemplar, Venus pintada
Sobre um globo de tenros Cupidinhos,
Qual ao mancêbo Adònis, ou a Páris,
Na Idalia sélva jà se appresentara,
Para a Sé lentamente se encaminha.

Tu, jocosa Thalîa, agora dize
Qual seu espanto foi, sua *surpresa*,
Quando à pòrta chegando costumada,
Nella o Deaõ naõ vio, naõ vio o Hyssope.
Tanto foi da Discordia o féro influxo!
Caminhante, que vê subito rayo,
Ante seus pès cahir, ferindo a terra,
Tam suspenso naõ fica, tam confuso,
Como o grave Prelado: a côr mudando,
Um tempo immóvel fica; mas a ráyva

Succendendo ao desmaio, entra escumando
Na grande sacristia, e d'allî passa
Para o Altar mòr, aonde se revéste,
Onde, como costuma, em contrabaixo,
Sem saber o que diz, a Missa canta.
Toda aquella manhan uma sò bençaõ
Sobre o Povo naõ lança, antes confuso
Em profundo silencio a Caza tórna,
Onde lógo a Concelho convocando
Toda a grande familia, assim lhe falla:

« Amigos, Companheiros, que o Destino
Fez do meu mal, e bem participantes,
O caso sabereis mais execrando,
Que até hoje no Mundo se tem visto.
O Deaõ.... » (E aquî dando um graõ soluço,
Em pranto as negras faces todas banha)
Suspenso um pouco fica, e lógo tórna:
« O soberbo Deaõ, que sempre attento
Ao meu alto decóro, o sancto Hyssope
Vinha trazer-me à pòrta do Cabido
Hoje naõ sò deixou de vir render-me
(Ah! que naõ sei, de nojo, como o conte!)
Este obséquio devido ao real sangue,
Que nas veyas me pulsa heròicamente;
Mas, na sua Cadeira empantufado,
Os Psalmos entoava, em mim fitando
A carrancuda vista; de tal sorte,

Que mostrava insultar-me, com desprezo.
A raiva, e o graõ furor, que a alma me occupaõ,
Me tem fòra de mim: naõ sei que faça
Para vingar tam grande e atroz delicto.
Vòs conselho, vòs artes, vòs maneira
(Pois a vòs tambem chêga a grande affronta)
Me dai, para punir este atrevido.»

Disse: e um grande Lacáyo da Liteira,
Famoso Rodomonte das tavérnas,
A voz tomando a todos, désta sórte
Seu conselho propoz: « Tam grande caso,
Senhor, se léva a pào: eu tenho um ráyo
De ség e, hà muito jà exp'rimentado
Em funçoẽs similhantes, eu com elle
De sua Senhoría tal vingança
Hoje espero tomar, que de escarmento
A todos sirva...» Aquí o grande Almeida,
Gentil-homem da Cámera, e da Bôcca,
Homem de Gabinette, e de Conselho,
Bom Poéta, Orador, *Petrus in cunctis*,
Que góza do Prelado a confidencia,
O discurso lhe atalha deste mòdo:
« Se este horrendo, execravel attentado,
Ao vê-lo, digno de que o sol brilhante,
Os rubidos Cavallos affastando,
Corresse a mergulhar-se eternamente
Nas voragens da noite màis espéssa,

Se houvesse de levar por força, e armas,
Eu armas, coraçaõ, e forças tenho:
Mas violentos remedios só se appliçaõ
Em mal dezesperado; isto supposto,
Astucia, e màis astucia se precisa;
Que onde reina a Prudencia nada falta.
Vossa Excellencia conta no Cabido
A muitos parciães, e lizongeiros;
Estes pois, sendo a Conclave chamados,
Poderàõ sustentar o seu partido,
E obrigar que o Deaõ faça por força
O que fazer recusa voluntario. »
A estas vozes, babando-se de gôsto,
O Prelado exclamou: « Oh raro engenho!
Meu poder, minha força, e meu consêlho,
O teu vòto me praz; seg ii-lo quéro.
Chamem-me lógo lógo o douto Andrade;
O Graõ Penitenciario, o sêcco Marques;
E o jantar se prepare promptamente. »

Jà na sobêrba meza cem Terrinas,
O vapor mais suave derramando,
A insaçiavel Gula provocavaõ,
Quando chegaõ ao cheiro os Convidados;
Que feitos os devidos cumprimentos,
Sem distincçaõ, em tôrno, se assentaraõ.
Começaõ a chover lògo os manjares,
Cem Perdizes, cem Pombos vem voando,

Cem especies de môlhos, cem de assados,
Grandes Tortas, Timbales, pasteis, cremes
Cóbrem com symetrìa a grande mesa:
A cabeça naõ falta de Vitélla,
Nem do gordo animal a curta pérna,
Cozida em bránco leite, ou doce vinho.
Mil fructas, mil corbêlhas, mil compótas
A terceira cobérta lógo adornaõ;
E em dourados cristáes, òh louçaõ Baccho,
De tuas plantas brilha o ròxo sumo.
Entre tanto na pórta do Palacio,
A cem póbres o Bicho da Cusinha,
Por ordem do Pastor charitativo,
Um Caldeiraõ de caldo repartia.

Entre os cópos, que em tôrno sempre giraõ,
Brevemente propoz o gordo Bispo
Aos bons Capitulares seu projecto,
Que todos approvaraõ, e allì juraõ;
Pelo doce liquor, que impetuoso
Pelas veyas, e cérebro lhes córre,
De o sustentar — até darem as vidas
Por vê-lo felizmente executado.

Assim da lauta mesa entre as delicias
Largas horas passaraõ docemente;
Em um quejo de Parma inda roìa
A alégre Companhia, pastejando,

Quando das sanctas Vésperas, na torre,
Fez sinal, o relogio, descontente.
Ao triste som do abhorrecido sino
Se levantaõ em pé os Prebendados,
E fazendo uma longa reverencia,
Córrem velozes, por fugir da mulcta
A ganhar no alto Choro os seus assentos:
Allî mesmo, primeiro que rezassem,
A seus sabios Collegas proposeraõ,
Que para resolver certo negocio
De màior interesse ao grande Corpo,
Preciso vinha a ser, que ao outro dia,
Em que o Deaõ da Terra se ausentava,
Se ajuntasse o Cabido. Na proposta,
Sem nenhum discrepar, todos concordaõ.
Engrolados os Psalmos, para Caza
Cada um se partio, em si pensando
Qual seria o negocio, que obrigava
O Cabido a chamar. Alguns julgavaõ,
Que a pia d'agua benta se mudava:
Outros, cheios de gosto presumiaõ,
Que para se vender mais caro o trigo,
Que no commum Celleiro se guardava,
Algum Celeste arbitrio se encontrara.

Mas o famoso Bastos, d'outra sòrte
Comsigo discorria: « Certamente,
Para nos distinguir da baixa plebe

Dos vis Beneficiados, desta feita
(E como se ufanava !) Se nos manda,
Que de verde forremos as batinas;
E que Chapéo azul, com bórlas brancas
Tragemos na cabeça. » Neste ponto,
Em si proprio, de gosto, naõ cabendo,
Pulava para o ar, battîa as palmas.
Naõ de outra sorte o misero mendigo,
Que sonha achar thesouros sotterrados,
Se alégra, salta, e fólga, e se imagina
Igual ao graõ Sophî da ricca Persia;
Que o vaõ Capitular, que jà se pinta
Na sua extravagante phantasia
A pàr do graõ Lamà, no fausto e pompa,
Ou do féro Muphti dos Musulmanos.

Cheio destas idéias entra em Caza,
E para dar seu vòto na Assembléa
Com màis legalidade, pedir manda
Ao Ràbula do Céa alguns Authores,
Que os Canones sagrados commentaraõ.
O douto Accursio, todo satisfeito
De poder grangear um Prebendado,
Esperando medrar por esta via,
E vestir alguma hora a rôxa murça,
Digno prèmio das suas gordas lettras,
Lhe envia o Bertachino, o grande Granha,
Tamborino, Escolano, Spada, e Pichler,

Meninas de seus olhos, flor e honra
Da rançosa, indigesta Livraria.
O bom Cónego, vendo os grossos tômos;
De prazer, em si proprio, naõ cabia,
Julgando, pelo vulto dos volumes,
Que sería qualquér Author de arromba;
E sem demóra ordena, que lhe tragaõ,
Para um vóto lançar, que similhante
Nas Decisoẽs da Róta naõ se encontre;
Papél de Hollanda, pennas, e tinteiro;
E para que complécto em tudo fosse,
A Roda da Fortuna, e Cristáes d'alma
Trazer manda tambem, fazendo conta
De, em partes, lhe cirzir alguns pedaços;
Que encantado o deixaraõ, quando os lêra.
Isto ordenado, para a banca chega,
O lenço tira, o grôsso monco assôa,
Tóma tabaco, escarra, os livros abre,
E a folhear começa; porêm vendo
Que nada entende do que està escripto,
Para a Ceia se chega, e enchendo a pansa,
Se foi a repousar no brando leito.

Jà a rosada Aurora, derramando,
Do candido regaço, sobre os prados,
Mil orvalhadas flores, despertava
Com a trémula luz de sette côres,
Os miseros mortáes a seus trabalhos;

Quando, na grande salla do Cabido,
Se ajuntaõ os zelosos Prebendados,
E tomando, por ordem, seus assentos,
Depois d'um breve espaço de silencio,
Se alçou o grande A'breu, com rosto grave,
E feita uma profunda reverencia,
Desta sórte fallou: « Cabido illustre,
Exemplar de Cabidos, e virtudes,
Bem sábe vossa illustre Senhorîa,
Que góza felizmente a distincta honra
De ter por Chéfe, por Pastor, e Bispo
Um ramo do Real Portuguez Tronco:
Tambem sábe, que a gloria da cabeça
Aos màis membros se estende; e alêm disto
Occulto lhe naõ è quanto se empenha
Em honrar sua sé este Prelado.
  Tu, sancta Quarentena, tu o dize;
Pois viste a importantissima reforma,
Que em nossas grandes Cappas fez zeloso
Este grande Prelado, naõ soffrendo,
De seus Capitulares em desdouro,
Os antigos franjados alamares,
Que a mòda jà ridiculos tornara.
Deixo por ora de fazer memorîa
D'outras grandes acçoẽs, em que seu zêlo
Por nòs, brilhar se vio; e só naõ pósso
Em silencio passar aquélla rara,
Grande, e quasi Real magnificencia;

Com que sua Excellencia foi servido
A muitos membros deste grave Corpo
Uns Capitaẽs fazer, outros Tenentes,
Alguns Alféres, Ajudantes outros,
Este Major, Sargento, e Cabo aquelle,
Quando a Furia infernal da voraz Guerra;
Rompendo as portas do espantoso Avérno,
Desboccada sahio, o ferro, e fôgo
Nas gárras sacodindo; e furiosa,
Depois de ter corrido largo tempo,
Com sanguinosa planta toda a Europa,
Em Portugal entrou, ameaçando,
D'um estrago fatal, nossas Prebendas:
Nem o raro valor, com que seguindo
De seus Avòs as ínclytas façanhas,
Ao som da Caixa, e Pîfaros, na frente
Da brava Ecclesiástica phalange,
Coronel General dignou chamar-se:
Accaõ, por certo, digna de ser lida
Com lettras de ouro, na Gazetta da Haya,
Ou nas folhas volantes, que em Lisboa
Os Cégos apregoaõ pelas ruas.
Estas razoẽs, Senhores, nos obrigaõ
A olhar, como propria, a honra sua.
Ella ultrajada se acha indignamente
Pelo altivo Deaõ; pois costumando
(Nós testemunhas somos, nós o vimos?)
Vir humilde esperar o sancto Asperges

A' pórta deste Alcaçar, de repente,
Mudando de systema, hoje refusa
Este obsequio render; este tributo,
De tam altas virtudes merecido;
Turbando injustamente em sua pósse
O grandioso Prelado. Este desprezo,
Esta pois tam atroz, e negra injuria,
Que em menoscabo seu, nas nossas barbas,
Se fez ao seu carácter, nós devemos
Promptamente vingar. Sim, consultemos
Os Canones sagrados, e vejamos
A fórma, o módo. » Entam o Ramalhete,
Theólogo chappado, e Canonista,
Que o Dialéctico Pharo de cór sábe,
Que de sancto Thomaz tem lido a summa,
O Gonet, Busembaum, Lacroix, Guimenio,
Que sábe decidir magistralmente
A famosa questaõ, — se um Burro póde
O Baptismo beber, ardendo em sêde, —
Que argumenta nas Theses dos Capuchos,
E inchando do pescoço as cordoveias,
Infére, grita, próva, e nada cólhe;
A vóz alçando grave, e magestosa,
Nesta fórma votou: « Lavrar-se déve
Um terrivel Accordaõ, que de exemplo,
Da Historia nos annáes, a todos sirva:
O farfante Deaõ seja obrigado,
Delle em virtude, a desistir da força

Que ao bom Prelade faz na sua pósse,
Fulminando-lhe mulctas, e outras penas.
Este Cabido tem authoridade
Para o fazer: em muito bons Authores
Assim o tenho lido: este é o meu vóto. »
O Bastos, neste instante, homem versado
Na lição de Florinda, e Charlos Magno,
Quiz metter seu bedêlho; más Andrade,
De seu discurso naõ fazendo caso,
Do douto Magistral o vóto appóya
Com mil textos que aponta a troxe, môxe:
No Sexto, Decretáes, e Clementinas
Capitulos inteiros terminantes,
Para prova-lo encontra; e a outra turba,
Que c'o queixo cahido os escutava,
Arqueando, de pasmo, as sobrancelhas,
No que dizem os dous prompta concorda.
Em vaõ o Thesoureiro, em vaõ o Chantre,
Homens austéros, que adular naõ sabem,
S'oppoem tres vezes ao sinistro Accordaõ;
Que a Lisonja astuciosa, que voando
Sobre suas cabeças, invisivel,
Os seus vótos inspira, faz que todos
A callar-se os obriguem, murmurando;
E levados da força da torrente
Assinaraõ tambem o vaõ Decreto.

❁

CANTO IV.

N'UMA Caza de Campo, descuidado
Entre tanto, passava alegremente
O farfante Deaõ os longos dias
Em que Phébo insoffrido, unindo as furias
A's que ràyvoso vibra o Caõ Celeste,
Abraza as calvas terras Trantaganas,
Quando o Monstro veloz, que por cem ólhos
Todas as cousas vê, e as cousas todas
Por cem boccas, cem linguas palra, e conta,
Com cem azas fendendo os largos ares,
Aos ouvidos lhe léva a cruél nóva
Do barbaro Decreto. Em paz serena
Entam jogando sua Senhoria
Ganhava um real róber : mas apenas
As orêlhas lhe fére o infausto aviso,
Quando subitamente lhe cahiraõ
Das maõs as Cartas. Pallido, e suspenso
Largo espaço ficou. — Naõ de outra sórte
Immovel fica, que o mancebo ardido,
Que seguindo no Campo, com seus galgos,
O fugaz animal, subitamente,

Ante os pês do Cavallo, vê a térra
Em profundos abysmos despenhar-se.
Mas das potencias recobrando o uso,
Que o subito desgosto lhe embargara,
Escumando de rayva, entre si disse:
« Pois naõ querem a paz, haverà guerra.
Vós, sanctos Céos, e Tu, Astro brilhante;
Que o dia trazes, e que o dia lévas,
E que eu nascer naõ vejo hà longos annos,
Vós testemunhas sois, se eu pertendia
Màis, que em paz desfructar minha Prebenda,
Comer, jogar, dormir, e divertir-me.
Mas jà que tu, oh Bispo revoltoso,
E teu infame, adulador Cabido
A mudar me obrigàes com vîs Cabalas
De tam sancto propòsito, — até onde
Chega dos Laras o valor, e o brio
Desta vez provareis. » Isto dizendo,
Levanta-se furioso; e sem respeito
Ao real Róber, que ganhado tinha.
(Tanto pòde a paixaõ no peito humano!)
Assim mesmo, e sem ver quanto indecente
Foi sempre à Senhoria andar à pàta,
Ao caminho se pôz, aos ilhàes dando,
Suando, e merencorio entrou em Caza.
Allî, sem socegar, ora passeia
Pela comprida Salla, ora se assenta,
Ora comsigo falla. Em vaõ a mêsa

Os Criados lhe poem; em vaõ os gôrdos
E tenros Perdigôtos, a sellada,
A fructa, o vinho, os doces o convidaõ;
Que, sem cêia, esta noite foi deitar-se.
Allì a molle pluma se lhe tòrna
Em duro campo de cruél batalha.
Mil cuidados o invéstem, seu decóro
Atrozmente offendido, a todo o instante,
A' memoria lhe vem: ora d'um lado
Os lassos membros vólve, ora do outro:
Suspira, tósse, escarra, e abrindo a Caixa
Tóma o insulso rapé, e naõ socéga.

A triste Senhoria, que chorando
A deshonra commum, aos pès do leito,
Companhia lhe faz, compadecida
Do seu desasocego, veloz parte
A trazer-lhe um pezado, e doce somno.
Entre as róchas do Bósphoro Cimmerio
Uma gruta se vê, onde naõ entra
Jàmàis a luz do sol, sombria alcôva,
Onde, em triste lethargo submergido,
Repousa o Deos do somno, coroado
De brancas perquiçosas dormideiras:
Em tôrno ao tòrpe alvergue naõ se escuta
Com seu canto chamar o esperto Gallo
Da Aurora a clara luz; nem na alta noite
Ladrar raivosos caẽs; mas só murmura

Um placido ribeiro, que respira,
Com o surdo rumor, paz, e descanso.
Outros menores somnos, fértil próle
Do indolente Morpheo, allî assistem.
Tanta espiga naõ doura a fértil Ceres
No caloroso Estîo, tantas flores,
Na fresca Primavéra, pelos prados
Fecunda naõ produz a Madre Térra,
Quantos allî se vem, todos divérsos
De génios, de costumes, de figuras;
Uns de lugubre aspécto, outros de ledo,
Muitos pezados saõ, muitos saõ léves;
Estes, entre vaõs sonhos, de contino
Pela escura Cavérna andaõ voando;
Os ólhos tem cerrados, e dormindo,
De mil hervas lethargicas o succo
Esprémem d'entre as maõs; calladamente
Aquî se chega a triste Senhorîa,
E um delles, pelas azas agarrando,
A Caza do Deaõ, comsigo o léva,
Que urrando de disgosto, naõ dormia:
Mas mal o lumiar tóccaõ da pórta,
Quando o humor somnolento derramando,
Do somno pelas maõs, aos ólhos chêga
Do despérto Deaõ, que lógo os cérra,
E a resonar coméça docemente.

Entam o Genio, em sonhos lhe apparece,

E fallando com elle assim dizia :
» Que é isto, illustre Lara ! Assim desmàia
Teu forte coraçaõ ! Como é possivel,
Que quem pôde soffrer o grave aspeito,
Em Roma, das mayores Personagens,
Sem susto, sem temor, hoje esmoreça,
Pérca toda a constancia, trêma, e géle,
Só a van ameaça d'um Cabido,
A quem faltou em ti alma, e cabeça ?
Animo pois, valor, e seguranca,
Que o Campo cederàõ os inimigos.
Nesta Cidade tens discrétas pennas,
Tens de Sépa o Auditor, que o velho Accursio
E Bártholo o famoso sò despreza,
Por que idólatras foraõ, e adoraraõ
A Jove, Marte, e Juno, divindades
A quem aras ergueu o Paganismo.
O Cêa tens tambem, tens o Fernandes,
Oraculos de Astrèa, que seu dente
Em Cânones tambem méttem ousados ;
Estes consulta, e segue os seus dictames,
Para o orgulho abatter de teus contrarios. »

» E tu, quem és, Espirito Celeste,
(O Deaõ encantado, lhe pergunta,
Da graça, que no rosto lhe scintilla)
Que a consolar-me vens nos meus trabalhos ! »
» Eu sou (Ella lhe tòrna) a Senhoria,

A quem, com tanto extrêmo, tu adoras.
A estas vozes, da Cama salta fôra,
Por terra se lhe prostra, e batte os peitos,
De gosto dôces làgrimas derrama;
Bejar-lhe quiz os pés; mas neste instante,
Ella desapparece, e elle accorda.

Jà o sol, esmaltando com seus ràyos
A alégre térra, entrava às furtadélas,
Das cerradas janêllas pelas fisgas,
E as empòrtunas môscas começavaõ,
Com seu lento sussurro, e com os curtos
Aguilhoẽs, que nas caràs lhes cravavaõ,
Os poltroẽs a accordar, que inda dormiaõ;
Quando o nosso Dèaõ, todo engolfado
Na Celéste visaõ, se véste alégre,
As meyas *gris de fer*, e màis as luvas,
A Cazaca de seda, e mais a Cappa,
Em sinal de prazer, preparar manda,
O Crescente penteia, e todo guapo,
E do pó sacudido, sàe de Caza,

Hà d'Elvas na Cidade um Escriptorio,
Onde assiste a Trapaça, e o Pedantismo.
Allî os feios monstros consultados,
Do gritador Fernandes pela bôcca,
Suas respostas daõ à rude plebe:
Aquî o Reverendo Prebendado

Seus passos encaminha, e aquî chêga,
A tempo, que de Chambre, o novo Cayo
A um rude Camponez, que o consultava,
D'uma fraca jumenta sobre o escaimbo
Com outro seu vizinho, respondia:
Mil livros tem abertos, e mil textos
Em latim, *ad formalia*, lhe repéte.
Mas se o rûstico delles nada entende,
O Doutor muito menos entendia:
» O seu caso (lhe diz) proprio, escarrado
Neste livro, aquî temos, và seguro,
Que, a seu favor, terà final sentença. »
Neste momento sua Senhoria
A' pórta chega, e o graõ Consulto, ao ve-lo,
Lógo o rûstico deixa, e vai busca-lo.
A' parte se retiraõ; e no caso,
Que o Deaõ lhe propoem, ambos conferem.
Aqui a Livrarîa vem abaixo;
De poeira uma nuvem se levanta,
Que sàe dos velhos, e traçados livros:
Em vaõ sacóde os punhos, e a Casáca
O bom Deaõ; que quanto màis sacòde,
Màis poeira dos livros vem cahindo.
Lê, e re-lê o graõ Jurisconsulto,
E depois consid'rando, assim conclue:
» A' Metrópole vossa Senhoria
Déve lògo appellar. Isto me ensinaõ
Os Doutores, Senhor, que tenho lido. »

- Inda assim (replicou o fôſo Lara)
Veja vossa mercê sempre o que dizem
No ponto Van-Espen, Dupim, Bartholio.
Estes livros louvar, e seus Authores
N'uma douta Assembléa tenho ouvido. -
» Que Van-Espen, Dupin, o que Demonio ?
(Disse o Consulto entam escandecido)
Esses nomes jamàis, esses escriptos,
Nem ouvi repetir, nem meu Peculio
Com elles uma voz allégа, e prova :
Sem dûvida serào d'alguns Heréges.
Aquî temos o bom Panormitano,
Em grande lettra Gòthica, os Fagnanos,
Valenças, Belarminos, Anacletos :
Estes sim, que saõ livros de maõ-cheia;
E naõ esses Authores estrangeiros,
Que com sua doutrina a Igreja empestaõ
O que lhe digo, faça. Appélle, appélle;
E deixe-se do máis, que ê parvoice.
Advirto-lhe tambem, que naõ se esqnéça
De pedir os Apóstolos; e sejaõ
Os reverenciáes, por que suspendaõ
Do malevolo Accordaõ os effeitos;
E naõ uma só vêz, mas muitas vezes,
Com màis, e máis instancia, instantemente. »
- Isso (diz o Deaõ) è escusado;
Eu conservo, entre varias baforinhas
De Agnus Dei, de Verònicas, de Bréves,

Que trouxe là de Roma, e ao despedîr-me.
Me deu o Passionei, uma Cabeça
Do glorioso saõ Pédro, cousa rara?
Obra de insigne Méstre. Talvez este,
Como Princepe foi do Apostalado,
Baste no nosso caso, a serem nelle
Os sagrados Apòstolos precisos.
Veja, Doutor, se tem isto caminho,
Por poupar-me a vergonha de pedi-los.

» Naõ saõ esses (sorrindo-se, lhe tórna)
Mas outros, os Apóstolos, que digo,
E que precisos saõ no nosso caso.
Esta phraze, Sonhor, entre os Praxistas,
Tem diverso sentido, e significa
O como a Appellaçaõ déve expedir-se.
A alguns destes modernos tenho ouvido
Que fôra no Romano Fóro usada,
E nelle os Canonistas a pescaraõ;
Eu pôrem deste achado, e d'outros muitos
De que elles se presumem os Authores,
Do bom Phébo, bom Mendes, e bom Pêgas,
(A luz, e nome dos que o Fóro cruzaõ)
Com punivel despejo motejando,
Cà para mim me rio; pois naõ acho
Em meu Peculio similhante nóta.
Faça pois, sem demóra, o que lhe digo,
Que outra estrada naõ tem, por onde póssa

Do Accordaõ escapar a sem-justiça. »
Corrido, e aconselhado ao memo tempo;
Do Doutor o Deaõ se depedia;
Quando o Consulto dando uma palmada
N'um livro, que na banca estava abérto:
» Espere (lhe gritou) que neste instante
Uma cousa me lembra de substancia.
De Juizes venàes, e corrompidos
Tudo esperar se déve, e déve tudo
Com tempo prevenir, o que é prudente.
E como os seus, Senhor, saõ desse pórte;
Se déve recêar, que lévemente
A sua appellaçaõ possaõ negar-lhe;
Assim, por evitar longas ambages,
Que dinheiro, paciencia, e tempo gastaõ,
Serà melhor, que Vossa Senhorîa
Appelle lógo, — *coram probo viro.* »
— E que querem dizer, Doutor amigo
Essas palavras, — *coram probo viro?*
Que eu do latim estou quasi esquecido.
Sem embargo de que (dizia o Lara)
Quando fui Estudante, era eu uma Aguia.
(Naõ o digo, Doutor, por fanfarrice;
Que eu de bazófia nunca tive nada.)
Em declinar velóz nominativos:
E na Classe o trophéo levei mil vezes.
Por sinal, que de téla boas fitas
O Mestre me rapou, que éra um alambre.

Mas voaõ, voaõ os ligeiros annos,
E daninhos, comsigo, tudo lévaõ,
Os gostos, a saûde, e a memoria;
E qualquér rapazinho agora póde
Rachar-me com quinàos affoutamente. —
» Querem dizer, que Vossa Senhorîa
(O Fernandes lhe volta) appellar déve
Perante algum Varaõ, que em dignidade
Constituido seja; *verbi-gratia*,
O Guardiaõ dos Capuchos, dos Paulistas
O Reitor, o Prior dos Dominicos;
Este foi efficaz, promptó remèdio,
Que os famosos letrados Palma, Decio,
Bártholo, Castro, e Bāldo descobriraõ
Contra injustos Juizes, que denegaõ
A justa appellaçaõ aos Litigantes.
Esta lembrança minha; (naõ entenda
Que por gabar-me o digo, os meus estudos
Assaz notorios saõ nesta Cidade)
Nove vezes (naõ trato por agora
Do Author da Arte legal, nem do Perfeito
Advogado, ou do Flaviense Gomes,
Por serem todos tres de menos pôlpa),
Tenho lido, e cotado em mil lugares
O grande Portuguez Cabral, Vanguérve,
E o famoso Bremeu, de cujo livro
Faz lógo ver o Tîtulo a grandeza.
O mêsmo digo do moderno Campos;

Sem que o nosso Ferreira me escapasse,
Authores todos de maior chorume,
Que esses seus Zalweins, que os seus Barthelios.
Esta lembrança pois a dizer torno
Nem todos a teraõ; naõ o Cêa,
Naõ o Doutor Caetano, e a récua toda
Dos nòvos lettradinhos á franceza,
Que sem trégoa as orelhas nos martélaõ.
Naõ sei com que Noodts, nem com que Stranchios,
E outros galantes nomes tàes como estes;
Que na bocca naõ cabem, nem a lingua
Póde, bem que se àffanne, pronuncia-los;
Mouriscos dévem ser, ou eu me engano,
Que Christaõs nunca usaraõ de táes nomes.
Và pois, Senhor Deaõ, e sem receio
A sua appellaçaõ prompto interponha,
Que aos Juizes depois intimar déve,
Se quér das mulctas escapar ao ràyo,
Que o terrivel Accordaõ lhe fulmina.
Naõ durma sobre o caso, nem descanse:
Que, segundo a vulgar régra em Direito,
— O Direito aos que dormem naõ soccorre. —
« Essa régra, Doutor, é o Diabo.
Merecia, o que a fez, as maõs cortadas.
(O Deaõ assustado repetia.)
Visto isso, por amor desta demanda
Heide eu perder a paz, e o meu socêgo,
Naõ dormir, vigilar continuamente

Oh ditoso Arganaz, e tu, Marmóta,
Que sem demandas ter, nem ter cuidados,
Passáes dormindo quasi o anno inteiro!
Oh quanto màis feliz é vóssa sorte,
Que a nóssa, tristes homens! Pois, se acaso
Queremos defender nósso Direito
O Direito nos deixa, se dormimos!
Meu Doutor, se essa régra é verdadeira,
Fique o malvado Accordaõ subsistindo,
Chovaõ embòra sobre mim as mulctas,
O vestido de seda, a lôba, a murça,
Pela agua abaixo và, tudo se pérca,
Com tanto que eu naõ pérca um só instante
Dos meus suaves, regalados somnos.

Aquî, com branda vóz, o bom Fernandes
Ao afflicto Deaõ assim consola:
« Senhor, os textos tanto ao pé da lettra
Se naõ haõ-de entender, como imagina;
Naõ é da mente pois do graõ Consulto,
Que esta régra dictou prudentemente,
Que naõ devaõ dormir os pleiteantes,
Que isso sería desmarcada asneira;
Sua tençaõ sómente foi lembrar-nos,
Que quem litigios tem, e quér vence-los,
Déve tudo attentar, e ser espérto. »

» Isso agòra, cobrando nôvo alento
(Diz o Deaõ farfante) è outra cousa.

Por esperto, naõ tenha, Doutor, médo,
Que me haja de vencer o gôrdo Bispo;
Que aquì, onde me vê, sou graõ lavérco:
Muitas vêzes no Wisth, estando a nóve,
Na segunda partida, os meus Contrarios;
De táes artes me valho, táes marànhas,
Que naõ tendo màis que um lhes ganho o ròber.»
Isto dizendo, e feita uma Zumbàya,
Do Doutor Bartolista se despéde;
E màis ligeiro, que um ligeiro Galgo
Para Caza direito o fio tóma,
Onde, sem se despir, manda, lhe tragaõ
Prestemente a comida, e prestemente
Engóle, pensativo, alguns boccados;
E na mêsma Cadeira, sem deitar-se,
Umas vezes dormindo, outras pensando,
Por algum tempo recostado fica.

CANTO V.

AINDA o chylo bem naõ tinha feito
O farfante Deaõ; quando, lembrado
Do — *coram probo viro* — do Fernandes
Abre a Caixa, e tomando uma pitada
De mofoso tabaco, assim dizia:
» Que inércia é esta? Que perquiça, oh Lara,
Que os membros, e sentidos te adormenta,
Quando por inimigos tens em Campo
O gôrdo Bispo, o Abreu, o Ramalhete,
Velhácos todos da primeira plana?
Al'érta, Lara, pois; al'érta, al'érta;
Que o direito aos que dórmens naõ soccórre,
E cumpre aos litigantes ser espertos. »

Isto dizendo, o côrpo inteiriçava,
E abrindo a bocca, e os ólhos esfregando,
A modôrra sacóde, em que jazia:
Entam dando um passeio, ao spelho chega,
E o suado crescente endireitando,
Sem attender ao sino, que o chamava,
A Vésperas toccando, nem à mulcta,

Que a bolsa lhe ameaça, Sàe de Caza,
E por baixo de calma, com que assava
Syrio, ladrando, à sequiosa térra,
Aos Capuchos, de tròte, se encaminha
Sobre uma àgra montanha, que se estende,
Em pequena distancia, dos soberbos
Guerreiros muros da triumphante Elvas,
O célebre Convento se levanta.
Aquî, da mólle Inercia no regaço,
Das austéras fadigas descansando,
Da Provincia se vê, cem Padres Graves;
Ex-Guardioẽs, Ex-Porteiros, Ex-Leitores,
Ex-Provinciàes, e alguns destes famosos
Pelas artes subtis, pela ardilezâ,
Com que forçado tem o Sp'rito Sancto,
Nos rixòsos Capitulos, mil vezes,
Os vòtos a seguir do seu partido.
D'estes, tambem, no meio, allî se encontraõ
Do gôrdo badulaque Ex-Cuzinheiros,
Na fumosa Cuzinha, entre as tisnadas
Certans fuliginosas, e marmitas,
Com grande gloria sua jubilados.
Aquî, suando, pois, como um Cavallo,
Chega o Deaõ, a tempo, que o Porteiro
A porta da Clausura prompto abria;
E vendo do Deaõ a gran fadiga,
Desta sorte lhe diz, sobresaltado:
» Que é isto, meu Senhor? Que estranho caso

Aconteceu a Vossa Senhorîa,
Que por baixo da càlma tam intensa,
A nossa Caza o traz tam affrontado?
Mattou acaso algum dos seus Collégas?
Roubou a Sacristia? ou do Diabo
Tentado, violou alguma Virgem,
E asylo vem buscar na nòssa Igreja? »

— Nenhum desses despastres, Deos louvado,
Me succedeu; (o Lara lhe replica)
Ao Padre Guardiaõ sòmente quéro
N'um negòcio fallar, se for possivel. —
» Inda bem: pois cuidei que éra outra cousa;
(Lhe tòrna o bom Porteiro) e de assustado
Fiquei sem sangue, em quasi todo o côrpo.

O Padre Guardiaõ, antes das cinco,
Naõ costuma da sésta levantar-se;
Mas, por servir a Vóssa Senhoría,
A desperta-lo vou; no em tanto pòde
Là na Cêrca esperar, tomando o frêsco. »
Isto dizendo, ao Dormitorio sòbe;
E o Deaõ, caminhando para a Cèrca;
Com outro Reverendo, acaso tòpa,
De gran barriga, de cachaço gôrdo,
Que attento o comprimenta, e accompanha.
Quiz entam a Fortuna, que este fosse
Um dos Padres màis graves da Provincia,

Ex-Guardiaõ, Ex-Leitor, e Jubilado,
De todos o màis douto; excépto o Arronches,
Prégador de gran fama, na Cidade.
O bom Lara, que havìa longo tempo,
Que, nesta sancta Caza naõ entrava,
Aturdido ficou, quando a seus ólhos,
Na Cêrca entrando, juntos se lhe off'recem
As areadas ruas, as Estatuas,
Os Buxos, os Craveiros, as Latadas
De mil flores cobértas, e que em tôrno
O virente jardim adereçavaõ;
E naõ bem quatro passos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Na statua, que primeiro allî se encontra,
Pergunta ao Jubilado: « Quem é este
Monsieur Pariz? segundo diz a lettra;
Que por baixo, na base, tem abérta:
Se se houver de julgar pela apparencia,
O nome, a catadura, o penteado
Dizendo-nos estaõ que este bilhostre
Foi Francez, e talvez Cabelleireiro,
Inventor do topéte, que o enfeita. »
— Pàris, e naõ Parîz diz o lettreiro,
(Circumpecto lhe volve o Padre Mestre)
Nem Francez, como crê, Cabelleireiro,
A personagem foi, que representa;
Mas em Troya nasceu de stirpe regia. —
« Pois, se Francez naõ foi (replica o Lara)

Como Monsieur lhe chamaõ? » C'um sorriso
Lhe tórna o Padre Méstre : « Naõ se admire
Que isto está succedendo a cada passo:
Ao pé de cada canto, hoje, sem pejo,
Se trataõ de Monsieurs os Portuguezes.
Isto, Senhor, é móda, e como é móda,
A quizemos seguir; e sobre tudo
Mostrar ao mundo, que Francez sabêmos. »

» De tanto péso pois (lhe volve o Lara)
É, Padre Jubilado, por ventura,
O Saber o Francez, que d'isso alarde
Fazer quizéssem vossas Reverencias?
Por acaso, sem esse sacramento,
Naõ podiaõ salvar-se, e serem sabios?
Pois aquí, em segredo, lhe descubro,
Que o Francez, para mim, o mésmo monta,
Que a lingua dos Selvagens Boticudos. »
— Naõ diga, Senhor, tal; que neste tempo,
Oh Tempos, oh Costumes! (diz o Padre)
O saber o Francez é saber tudo.
É pasmar! ver, Senhor, como um Pascazio,
De Francez com dous dédos se abalança,
Perante os homens doutos, e sizudos,
A fallar nas sciencias mais profundas,
Sem que lhe escape a Sancta Theologia,
Alta sciencia, aos Claustros reservada,
Que tanto fez suar ao grande Scôto,

Aos Baconios, aos Lelios, e a mim proprio!
Desta audaciá, Senhor, deste descôco,
Que entre nòs, sem limite, vái lavrando,
Quem màis sente as terriveis consequencias,
É a nossa Portuguez, casta linguajem,
Que em tantas traducçoẽs anda envasada
(Traducçoẽs, que merecem ser queimadas!)
Em mil termos, e phrases Gallicanas!
Ah! se as marmoreas Campas levantando;
Sahissem dos Sepulchros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os Antigos
Lusitanos Varoẽs, que com a penna,
Ou com a espada, e lança, a Patria ornaraõ,
Os novos îdiotismos escutando,
A mesclada dicçaõ, bastardos termos,
Com que enfeitar intentaõ seus escriptos
Estes nóvos, ridîculos Authores;
Como se a bella, e fértil lingua nossa,
Primogénita filha da Latina,
Precisasse de estranhos atavîos,
Subito, certamente! pensariaõ,
Que nos sertoẽs estavaõ de Caconda,
Quilimane, Sofála, ou Moçambique;
Até que jà, por fim, desenganados
Que éraõ em Portugal, que os Portuguezes
Éraõ tambem, os que costumes, lingua,
Por tam estranhos módos, affrontaraõ,
Segunda vez de pejo morreriaõ.

Mas elles tem disculpa ; a nêgrâ fòme
Os mîseros mortàes a mais obriga ;
Sem saber o que escrevem , escrevendo ;
Buscaõ della o remèdio , e como lògraõ
Os fins de seus intentos , o que escrevem ,
Seja ou naõ Portuguez , isso que monta ?
Quem desculpa naõ tem , nem a merece ,
É quem vedar-lh'o déve, e naõ lh'o vèda.
Mas por ora deixemos estas cousas ,
Que o mundo corrigir a nòs naõ tòcca.
Este (como dizia) foi Troyano ,
E nos Campos que o Phrygio Xantho côrta ,
Guardando , em doce paz , o seu rebanho ,
Eleito foi Juiz do grande pleito ,
Que Juno , e Pallas , entre si , com Venus ,
Sobre a belleza , um tempo , sustentaraõ
No qual naõ sei porêm , se com justiça ,
Deu a favor de Venus a sentença ,
Entregando-lhe o ricco pômo de ouro ;
Que a Discordia lançara n'um banquéte. —
» Jà nesse pleito ouvi , (se bem me lembro)
E no pômo fallar : (lhe volve o Lara)
Mas o tal Monsieur Pàris foi um asno ;
(Perdoe a sua ausencia) se na causa
De ser Juiz a sòrte me coubéra.
Darîa mal , ou bem minha sentença ,
Conforme o meu bestunto me ajudasse ,
Sem em nada gravar a Consciencia :

Mas a maçan havia d'eu papa-la;
Pelas cūstas, por cérto; e quando muito,
Daría à Vencedora, della, as cascas.

Mas, diga-me, meu Padre Jubilado,
Se gado apascentou esse Marmanjo,
Como de Cortezaõ està vestido,
De Cabello, de bolsa, e penteado? »
— Essa é boa (replica o Reverendo)
Pois parece-lhe a Vossa Senhorîa
Que lhe bastava o sêcco tratamento
De Monsieur, que lhe démos, e um Cajado;
Um intonso cabello, uma samarra? —
» Essa razaõ me quadra (diz o Lara)
E esta Madama Helêna (continûa)
Que delle està defronte, por ventura
É Troyana tambem, ou é Franccsa,
Como do penteado mostra o gosto? »
— Naõ foi Senhor, Francesa, nem Troyana;
(Responde o Padre Méstre) d'alto sangue,
Em a Grecia, nasceu; e no seu throno
Esparta um tempo a vio: mas Sceptro, e Sposo,
A Patría, a Fama, a Gloria d'alta stirpe,
Tudo deixou por Pàris. — « Poiś que! o Sposo,
A chara Patria, o Sceptro, a Fama, a Gloria,
Tudo deixou, por esse barbas-d'àlho!
Valente marafona foi por cérto,
A tal Madama Helêna! E quem foi esta?

Diz a lettra Madama Pena-Lópes ;
(Proseguîa o Deaõ) tal vez serîa
Tam boa, como essoutra ? » — Essa (responde)
O douto Jubilado é d'outra làya.
A famosa Penélope foi esta,
Do Conjugal amor, da fé jurada,
Do sagrado Hymenêo nas castas àras,
Um perfeito exemplar, grande Matrona;
Boa Maẽ-de-familias, e estremada,
Entre as màis do seu tempo, Tecedeira.
N'uma têa gastou màis de dez annos... —
» Que me diz, Padre Mestre ? Està zombando
(O Deaõ aturdido lhe replica)
Em urdir e tramar uma sò têa
Déz annos consumia a tal Madama ;
E diz-me que foi grande Tecedeira. ?
A minha Ama... e màis é uma Zonpeira ;
N'outro tanto naõ gasta nove mezes :
E com tudo, naõ passa, entre âs perîtas,
Por grande sabichona neste officio. »
— Nisso mesmo é que estêve a habilidade,
(O Padre lhe tornou) pois que de noite
O que de dia obrava, desmanchava. —
» Peior! (diz o Deaõ) Isso é o mesmo,
Que para traz andar, qual Caranguejo.
Jurarei em cem pares de Evangelhos
Que éssa mulher perdido tinha o sizo. »
— Perdido o sizo! Que galante cousa!

(O Padre lhe tornou) antes no mundo
Nunca mulher se vio tam atinada;
E digna de passar à Eternidade,
Sobre as azas da pòsthuma memoria.
Foi prudencia, Senhor, o que loucura
A sua phantasîa lhe figura.
Pois se assim practicava, éra sómente
Por enganar (em quanto o charo Sposo
Da prolongada ausencia naõ volvîa)
Cansados rôgos de importunos Pròcos,
Que aspiravaõ do seu consorcio à gloria.
Arachne, que Minérva vingativa
Em aranha tornou, por arrojar-se
A competir com ella; certamente
Lhe naõ levara no tecer a palma.

» Como é isso? (o Deaõ diz assi
Pois, salvo tal lugar, um homem
(Isto fallando todo se persigna)
Ou pòde uma mulhér, em feyo bi
Ou animal quadrûpede mudar-se?
— Isto fabulas saõ, com que os ant
Quizeraõ explicar aos seus vindouro
De muitos animàes a industria, e a arte;
E àlém disso ensinar, que às Divindades
Se déve ter um grande acatamento.
Mas, que acontecer pòssa, quem duvîda?
(Dizia gravemente o douto Padre)

Naõ fallo agòra das antigas Lamias,
Que inteiros engoliaõ os meninos,
De Circe, de Medéa, nem de Alcina,
Ou da vélha Canidia, de quem conta
O bêbado de Horacio, as nigromancias.
Todos sabem, que todas estas Bruxas,
Em ossudos Leoẽs, manchados Tigres,
Em ardidos Ginêtes, negros Ursos,
Ou em Toupeiras vis, vis Musaranhos,
A seu sabor, os homens convertiaõ.
Alêm d'isso, Apuleio nos informa,
Que por malicia d'uma cérta Fòtis,
Em asno, n'um instante, se formara,
E como asno passara mil trabalhos.
Naõ tem ouvido Vossa Senhoría,
Ruidosos Caẽs uyvar, là na alta noite?
Pois que querem dizer aquelles uyvos,
Senaõ, que anda no bairro Lobis-homem,
Ou homem, por fadario, transmudado
Em jumento orelhudo, ou em sendeiro?—

» Sancto Bréve da marca!' (aquî exclama
O farfante Deaõ, de temor cheio)
E lógo proseguio. » Se minha estrella
Ordenado me tem, que por encantos
De alguma Feiticeira, ou Nigromante
Em féro bruto eu haja de mudar-me,
Praza a vòs, sanctos Céos! ao Fado praza,

Que, antes do que em sendeiro lazarento,
Em brioso Cavallo, elles me mudem:
Pois assim poderei, inda algum dia,
A sòrte vir a ter de ser Páe d'Égoas.
Que bons Pôtros darei da minha raça!
Mas, se muito julgàes o que vos péço,
As menos concedéi-me, que em Fuînha,
Ou matreira Rapôza me transtornem;
Só, para do Bispo ir ao Gallinheiro,
De quantas Aves tem a dar-lhe cabo.

Socegado o Deaõ do seu espanto,
Ao bom Padre pergunta: « E quem é este
Circunspecto Monsieur, que cà se enxêrga? »
— Esse que alhí està, nem màis, nem menos,
É o facundo decantado Ulisses,
De Madama Penélope marido:
De todos quantos Gregos apportaraõ
Da Neptunina Troya às curvas prayas,
O màis prudente foi, excepto o velho
Nestor, que vio dos homens tres idades.
Este, depois que a cinzas reduzido
Foi o féro Illíon, por suas traças,
E da altiva Cidade sò ficàra
O Campo, em que imperiosa antes estava,
Voltando à Patria amada, carregado
De altos despojos da immortal victòria,
De Neptuno soffreu a cruél sanha,

E dos ventos, e vagas açoutado;
Undîvago correu por longos mares;
Vendo de muitas gentes as Cidades,
As vàrias artes, os costumes vàrios,
Até que levantou, na fòz do Tejo,
A Rainha do mar, Lisboa invicta. —
» Oh grande Fundador da minha Patria,
(Aquî brada o Deaõ) se maõs tiveras,
E se pérnas, e pés te naõ faltaraõ,
Os pés, e maõs humilde te bejara;
Mas se manco, e manêta aqui te vejo,
E à francesa vestido, a mal naõ hajas
Que à francesa te beje a fria face.,,
Disse: e ao cóllo furioso se lhe lança;
E na face tres bejos lhe pespéga.
Passado este pequeno enthusiasmo,
O Lara, proseguîa: » E aquell'outro,
Que do Jardim no meio se impertiga
Com cara de Ferreiro, é por acaso
O grande Ferrabraz de Alexandria?
Ou Galafre da ponte de Mantible?
— Esse (responde o Padre) foi Alcides;
Cujo tremendo braço, cujos feitos
Ha-de, por cérto, vossa Senhòria
Ter ouvido exalçar discretamente,
Em seus sermoẽs, ao nosso Padre Arronches. —
» Engana se, Senhor. (O Deaõ vólve)
Que eu sermoẽs nunca ouvi em minha vida;

E posto que, no Chôro, muitas vezes,
Em razaõ desta minha Dignidade,
A meu pezar, a alguns delles assisto,
Em quanto o Padre grita, estou dormindo:
Pois d'outra sòrte disfarçar naõ pòsso
A fóme, que me attáca a éssas horas.
Se eu algum dià for eleito Bispo,
(Como esperar me faz o rêgio sangue
De Làra, que nas veyas me circula)
Jà, desde aquî, meu Padre, lhe prometto,
Que estes sermoẽs destérre do Bispado;
E se nelle inda achar quem tenha o flato
De pregar, lhe darei prompto remèdio:
Mandarei, que cumprindo seus dezejos,
Và pregar aos Heréges, e Gentios,
Que o prémio lhe daràõ do seu trabalho;
E escusem de quebrar-nos os ouvidos
Com uma însulsa dilatada arenga,
Que ouve, por uso o Pôvo, e naõ entende,
E a pagar vem, por fim, por alto preço;
Dando (cousa que muito a mim me espanta)
Sem saber o porquê, o seu dinheiro.
Sermoẽs? — E quando quér jantar a gente?
A fòme sò augmentaõ, causaõ somno.
Mas, tornando, meu Padre, ao nosso ponto,
Este Alcides, segundo tenho ouvido,
Foi o maior tunante dos seus tempos.
— Foi amigo de Moças? Que tem isso?

Vê me aqui ? Pois com ter mais de settenta,
(Dizia o Jubilado) nem por isso
Onde quér que as eu tòpo, lhe perdôo. —
» Outro tanto de min, oh quanta magoa!
(O Deaõ exclamou) oh quanto pejo
Me custa, Padre Mestre, o confessa-lo!
Outro tanto de mim dizer naõ posso,
E com tudo naõ passo dos sessenta;
Mas isso é do buréł virtude innata.
Agòra pois, se a vossa Reverencia
Pesado lhe naõ fôr, devêr quizera
Que deste traficante toda a historia
Me referisse, pois, segundo penso,
Hà-de ser vària, e muito divertida.
Lembra-me a mim, que sendo inda Estudante,
Do Bacharel Trapaça, e Peravilho
De Córdova, a història portentosa
Ouvi lêr (por sinal, que por ouvi-la,
Na Classe pespeguei valentes gàzios)
A um Clérigo vizinho, bom Poéta,
Que sabìa o Borralho todo inteiro,
E tinha uma escolhida Livraria;
E confesso-lhe, Padre Jubilado,
Que nunca, em minha vida, tenho ouvido
Cousa, que cà no gòto mais me dèsse. »
— De bom grado o farei, por dar-lhe gosto
(O Padre lhe tornou) e assim começa:
— Este grande varaõ Alcmena e Jove

Têve por Paés, ainda que graõ tempo
Do forte Amphitriaõ passou por filho... —
» Com que de màis a màis o tal Alcides
Do barregan foi filho? — Avante, Padre;
Que o comêço promètte grandes cousas. »
(Diz o Deaõ) e o Padre proseguia :
— De tantas forças foi, lògo em nascendo,
Que inda elle naõ contava bem dez mezes,
Quando, em lugar de berço repousando
N'um escudo de còbre que a Pteréla,
Amphitriaõ ganhara, batalhando,
Duas Còbras màis gròssas que um madeiro,
Que entraraõ a papà-lo surrateiras,
No silencio da noite, por mandado
De Juno, que em ciùmes se abrazava,
Rompeu, espedaçou, com maìs presteza
Do que eu trinchar costumo uma gallinha,
Quando, com fòme estou, na nòssa cèlla.
Digo = na cèlla = ; pois no Refeitorio
Esta àve nunca entrou; que nelle reina
Somente o Bacalhào, e talvez pódre.
Depois, sendo Mancebo, a estribaría
De Augïas alimpou com acçaõ grande... —
Neste ponto o Deaõ ter-se naõ pôde
Sem que esta sàbia reflexaõ fizèsse :
» Filho de Barregan! Môço de mulas!
Vejaõ de que relé éra a criança! »
— Lògo (prosegue o Padre) convidado

De mayores acçoẽs, um Leaõ féro
Na florésta Neméa, cara a cara,
Destemido affrontou; e lhe machuca,
Com a pesada màssa, o duro casco... —
Aqui chegava o Padre, em sua historia,
Quando o espérto Deaõ, à pòrta vendo
Da Cêrca, o Guardiaõ, que a vê-lo vinha,
Inda do somno os òlhos esfregando,
O fio lhe cortou, em altas vozes
Ao Guardiaõ gritando: » Appéllo, appéllo
Perante vossa sàbia Reverencia,
Varaõ constituido em Dignidade,
Da affronta, que me faz o meu Cabido,
Pretendendo com mulctas constranger-me
A vir apresentar ao gordo Bispo,
A' porta da latrina o sancto Hyssope.
Péço tambem, com todo o acatamento,
Os reverenciáes Apòstolos, mil vezes,
Com màis, e màis instancia, instantemente... »
— Basta: (o Prelado diz) jà interposta
A Appellaçaõ está. Agóra, em quanto
O Reverendo Padre Jubilado,
Pois Notario naõ hà, que dê fé d'isso,
A Certidaõ lhe passa, nos sentemos
Ao pé désta Roseira a tomar fresco. —
Dittas estas palavras, se assentaraõ,
E o farfante Deaõ assim começa:
» Por certo, que naõ pòde duvidar-se

Do augmento, Senhor, que em nossos dias
Tem tido Portugal, por alto influxo
Do Grande, Forte, e nunca assaz Louvado
Rei, primeiro no nome, e nas virtudes,
E do sabio Ministro, que lhe assiste.
Naõ fallo nas sciencias, e nas Artes
Que eu déllas nada sei; pois meu emprêgo
A's Lettras applicar-me me naõ deixa,
Como meu gosto, e genio me pediaõ;
E da Arte da Cusinha tam sòmente
(Que é obra, quanto a mim, màis proveitosa
Aos homens, que o Francez, que anda na môda)
Alguns pedaços leio, estando vago.
Fallo, sim, no apparato dos banquêtes,
No polido dos trajes, e assembléas,
Dos Jardins no bom gosto, e dos Palacios.
Digo isto, meu Senhor, por que esta Cêrca,
Que éra um xiqueiro, hà menos de dous dias,
Hoje tornado está n'um Parayso.
Mas que naõ poderá um Génio grande,
E tal, como o de Vossa Reverencia? »
O Guardiaõ entam todo enfunado,
Mas modéstia affectando, lhe responde:
= Aquî que póde haver, que os òlhos encha
De Vossa Senhoría, que tem visto
Às Terras estrangeiras tam gabadas,
Se é tudo uma pobreza franciscana! —

» Tanto naõ direi eu (replica o Lara)

Que ao vêr deste vergél a amenidade,
O desenho dos Buxos, o bom gosto,
Com que estaõ as figuras trabalhadas,
A abundancia dos vasos, e das flores,
Que nos jardins estaõ, se me figura
Do Castello Gandolfo, ou de Frascati,
(Onde fallei mil vezes com o Papa)
Ver o primor, e o curioso asseio.
Tudo está primoroso; e sò lhe falta,
Para em nada ceder aos máis gabados,
Deliciosos jardins de Italia, e França,
Uma Cascata, que a do Terni iguale.
Se Vossa Reverencia quér a planta,
Eu já mandar-lha vou; que a tenho em Caza. »
— Essa obra hàde custar muito dinheiro
(Responde o Guardiaõ) e hoje as esmòlas;
Para encher a barriga a tantos frades,
Que tem fóme canina, apenas bastaõ.
Algum dia foi ricco este Convento;
Mas estas novas Leis testamentarias
Déraõ um grande córte em suas rendas.
É verdade, que os sanctos Exorcismos,
O benzer dos feitiços, e lombrigas,
O grande, e extraordinario privilegio
De Irmaõ, ou Maẽ de frades, e outros pios,
E sanctos institutos, que inventaraõ
Devótos, e subtîs, nossos antigos,
E que nós pelo Povo propagamos,

Com zelo, e com destreza, maiormente
Entre o devoto feminino sexo,
Inda pingando vaõ de quando em quando,
Mas isto tudo é nada, é um cominho,
A par do que rendia o Purgatorio!
Senhor, o Purgatorio, e as almas sanctas
Eraõ o Potosí da franciscana! —
Neste ponto chegando, o Jubilado
O discurso lhe atalha, e ao Làra entréga
A grande Certidaõ, que passar fôra.
O Deaõ a recébe civilmente,
E com mil importunos comprimentos,
E outras tantas profundas cortezias,
Dos dous Padres, cortez, se despedia:
E correndo, e saltando, como um Corço;
Risonho, e prazenteiro entrou em Caza;
Onde à sua presença, pelos ares,
Faz vir o triste Luz, que a honra goza
De toccar mal rebéca, na Sé de Elvas,
E de ser, em seu fôro, mào Notario,
Ou péssimo Escrivaõ, que vàle o mesmo:
Alêm disto, cursado tinha as Classes;
E a todas estas cousas ajuntava
Uma profunda erudiçaõ, bebida
Nos Autos de Reinaldo, e Valdevinos,
E do Infante Dom Pedro nas partidas,
Florisel de Niquéa, e outros livros
Da andante, da immortal Cavallaría;

Ao qual o Deaõ disse : « Hoje um negócio
De ti fiar pretendo de importancia :
Mas antes serà bom, que ao grande Baccho
Algumas libaçoẽs, como costumas,
Aquî façás. » Dizendo estas palavras,
Ordena, que lhe tragaõ promptamente
Do bom vinho de Borba tres garrafas.
O bom Luz transportado à sua vista,
Sem fazer-se rogar, lògo a primeira,
A's duas palhetadas deixa enchuta :
Muito tempo naõ passa, sem que próve
Igúal sòrte a segunda; sem descanso
Com a terceira invéste, largo espaço
O forte Campiaõ entra por élla :
E despois que esquentada teve a bilis,
Assim com o Deaõ falla animoso :
— Que cousa pòde Vossa Senhorîa
Querer deste seu Sérvo, que naõ faça?
Que perigo haverà, que naõ arroste?
Da nova Zembla os duros Caramelos,
Irei a passear : ao meio dia
Na Libya soffrerei a calma ardente;
Com Tigres, com Leoẽs, com Crocodilos
Andaz affrontarei; do Reino escuro,
Para seu caõ de fralda, se é seu gosto,
N'um pulo, lhe trarei o Caõ Cerbéro;
Se màis d'isso se paga, c'uma córda
A' pòrta lh'o atarei, como um Macaco. —

» Menos que isso (bradou o Prebendado)
Menos que isso de ti hoje pretendo.
Uma appellaçaõ só quéro que intimes
Ao gôrdo e féro Bispo : isto sómente
De ti hoje dezejo, e de ti fio. »

Aquî, mudando a côr do triste rosto,
Começou a tremer o novo Alcides,
E com vóz balbuciante, lhe replica :
— Muito illustre Senhor, tam grande empresa
Minhas forças excède : o mesmo Achilles,
Mandricardo, Gradasso, Sacripante
Commette-la, por cérto, receiaraõ,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.
D'ella pois me dispense; que eu sem pejo,
Ante os Céos, ante a Térra hoje confésso
Que meu animo a tanto naõ se atréve. —

A este breve discurso, ardendo em ira,
O Deaõ exclamou : « De minha vista
Vai-te indigno Furaõ, vil e rasteiro,
A quem, na Cára, e feitos te pareces,
Que eu saberei achar quem me obedeça. »
Trémulo, e semivivo o pobre Zòte
Entam se foi d'allî escapolindo;
E o farfante Deaõ fica suspenso,
No peito revolvendo a quem darîa
A grande Commissaõ : — quando à memoria

Lhe traz a Senhorîa, (que a seu lado
Invisivel assiste) o bom Gonsalves,
Escrivaõ atrevido, e sem piedade.
Que a si mesmo prendera, se podéra.
» Este sim (exclamou entam contente)
Que é capaz de citar a Jesus-Christo. »
Isto dizendo, que lh'o chamem, manda.
A Senhoría entam, tomando a forma
Do Galopim de Caza, velóz parte,
E com elle voltou incontinenti;
A quem lógo o Deaõ propoẽm a empresa,
Que elle, sem duvidar, risonho acceita,
E para a executar, tempo opportuno,
Cheio de confiança, a esperar parte.

CANTO VI.

JA' o sol grande espaço declinava
De brilhante Zenith, para o Occidente;
E a socegada Tarde, conduzida
Nas frescas azas dos subtîs Favonios,
A passeio os Peraltas convidava;
Quando, por divertir, sua Excellencia,
O fastio, que a longa ociosidade
Nos peitos dos mortàes tyranna géra,
Se dispoem a sahir, como costuma
A frescura a gozar do seu Versalhes.

Mil infandos prodigios (trama urdida
Pela maõ industriosa da Excellencia,
Para obriga-lo a naõ sahir de caza)
Esta infausta jornada precederaõ.
A' mêsa pôsto, e a beber um còpo
De generoso vinho da Madeira,
Em vinagre, na bocca, se lhe torna
O suave liquor, e ao mesmo passo,
No Apparador, saltando, um Gato nègro,
Em hastilhas lhe faz, com grande estrondo.

Os dourados cristàes, que nélla estavaõ;
Depois, dormindo docemente a sésta,
Se lhe figura, no melhor do somno,
Que andando de passeio pela Quinta,
Com passos lentos a elle se chegava
Da nòra o vélho Burro, e alçando o rabo,
Dous couces lhe pregava no vazìo.
A' phantástica dor, gritando, acórda;
E acodindo a familia promptamente,
Lhe narra o triste caso, inda assustado.
Mas, passado o primeiro sobresalto,
Desenganado em fim de que éra sónho,
A vestir-se começa: entam calçando
O polido sapato, das fivellas,
Salta da Guardaroupa ao aureo técto,
Com medonho estampido, a melhor pédra.
Finalmente, ao montar a Carruagem,
Battendo um graõ Bizouro as negras azas,
Com horrendo stridor lhe açouta as ventas,
E um Pardal lhe estercou no tejadilho.

Neste instante a Excellencia, que tomado
Tinha do grande Almeida a gentil fòrma,
Vendo que estes agouros naõ bastavaõ
Para aterrar do Bispo o fòrte peito,
C'uma grande zambaya, assim lhe falla:
— Se crêr em abusoẽs é de almas fracas,
Desprezar portentosos vaticinios

É de peito obstinado, ensurdecido
A's vòzes, com que o Céo mil vezes falla.
Se em Africa Cataõ, se em Roma César
Déraõ fé aos presagios, nem aquelle
Nas férvidas areias Africanas
Acabara infeliz; nem no Senado
A's maõs de Cassio e Bruto, ferozmente;
Este fòra, qual rêz, nas áras, môrto.
O mesmo digo do temîdo Almeida,
De quem Vossa Excellencia tem o sangue:
De Cambaya murchar as altas palmas
Na brutal Cafraria elle naõ vira,
Se affouto, ou temerario naõ zombara
Do batter dos sapatos dos Menezes:
Vossa Excellencia tem visto os portentos,
Que lhe tem neste dia acontecido.
Ah! se a mente presàga naõ me engana,
Algum grande desastre pronosticaõ,
Neste passeio, que fazer intenta.
Para illudi-los pois, tórne a apear-se;
A Caza se recôlha: considére
Que, por grande, a Cautéla nunca dana.
Se pois da ociosidade, e seus prestigios,
Que tanto horror lhe faz, fugir dezeja,
Mande chamar alguns Capitulares,
E, com elles, em sancta paz, jogando,
O résto passe da calmosa tarde,
E naõ queirã, com van temeridade,

A seu gôsto a rasaõ sacrificando,
Desafiar a chólera dos Astros. —
A estas vozes, risonho, o gôrdo Bispo
Lhe responde: « Meu Filho, bem conheço,
Que o amor, que me tens, é quem te dicta
Essas sábias razoẽs; mas que diria
Ésta marcial Cidade, que admirando,
Meu heróico valor, trazer pendente
Do bordado tálim, me vio na guérra
Uma talhante espada; e sobre tudo,
Erguer da Cama, n'uma fria noite,
Por correr, sem temor, suas muralhas;
Quando o fôgo nas altas atalayas,
Brilhando tristemente, annunciava
Roubos, assolaçoẽs, incendios, mortes;
Se hoje soubesse, que eu ficava em Caza,
Assombrado de quatro bagatellas?
Eu confio no Céo, que esses succéssos
Nada contenhaõ, que aziago seja:
Mas, se assim succeder, constante, e forte
Irei por onde os Fados me chamarem. »
Isto dizendo, confiado ordena
Aos Môços, que caminhem sem demora.

No tempo que estas cousas succediaõ
No Episcopal Palacio, o bom Gonsalves,
A quem a grande empresa disvellava,
Sendo por seus espîas avisado

De que o Bispo sahîa; approveitar-se
Da occasiaõ, que a Sorte lhe off'recia,
Comsigo determina; e a toda a préssa
A vestir-se comêça: quando a chara,
E longéva Consorte, do Cartorio
Nas sórdidas trapaças tam versada,
Como o déstro marido, toda cheia
D'um pânico terror, que dentro n'alma
A feróz Excellencia lhe infundira,
Ao côllo se lhe lança, e assim lhe falla:

» Onde, oh Luz de meus ólhos, doce Esposo,
Assim córres velóz, assim me deixas
Cercada de receios e tristezas?
O Bispo vàs citar? Ah! tu naõ sabes
Qual é deste Prelado a sancta rayva?
Ignóras, que as menores bagatéllas,
Em seu conceito saõ graves insultos,
Que castigar costuma sem piedade!
Tu, oh pobre Milheira, tu o dize,
Que por zombar da fita do palmito,
Na respeitavel face do Roquête,
Mestre de Ceremónias, e Cabalas,
Com poder de Assistente, junto ao sòlio,
Para insultar, sem termo, os póbres zótes
Em toda esta Cidade, e seu Bispado,
A jazer longo tempo na Cadeia
Barbaramente condemnado foste!

Naõ sabes, que a pezar das leis sagradas
Do nosso piedosissimo Monarcha,
Elle Meirinho tem de vàra alçada,
Que prende, escórcha, e rouba impunemente
A' sombra do sagrado Sanctuario?
Pois, como a provoca-lo hoje te arrojas,
Por servir o Deaõ? Crês por ventura,
Que elle te livrarà das suas garras?
Ou fias-te talvez em que és sujeito
A outra jurisdiçaõ? Mas, oh! repara
A quantos, como tu, leigos izentos
Em seu cruél aljube opprime, e vexa!
Oh! se um rayo voraz dos Céos descesse,
E todos os aljubes abrazasse!
Quantas, oh Céo! oh, quantas se evitaraõ
Vexaçoẽs, injustiças, e insolencias!
O'lha o que succedeu, hà pouco tempo
Ao Charlataõ do Medico pequeno
(Que a hábito perpetuo de Estudante
Foi de Esculapio em Junta condemnado,
Por naõ dar alimentos à Consórte
Em dinheiro corrente; que de balde,
Os homens, e as estrellas attestando
Allegava naõ ter o miseravel,
E em vaõ, para paga-los off'recia
A venda de seus predios, ou seus fructos;
A pezar da Razaõ, e da Justiça,
Com publico pregaõ excommungado:

Bem que dizer-se delle se naõ possa
Que de Herodes à ſéra tyrannia,
Nem se quér escapou por innocente;
Pois só, d'uma pennada, a muitas almas
Tem feito as margens ver do Stygio Lago,
Onde por elle esperaõ barregando,
Para as barbas tirar-lhe, e a cabelleira!
Pertendes pois que o mesmo te succeda?
Ah! naõ, amado Sposo, por aquelles
Primeiros e suavissimos instantes
Do nosso doce amor, pela fé pura,
Que no sagrado laço me juraste;
Por estas térnas làgrimas, que chòro,
Que a tanto naõ te exponhas: ah! naõ queiras
A ti mesmo cruél, e a meu socégo
Roubar-me a triste vida, dar-me a pena
De ouvir-te excommungar pelas esquinas,
Ou prezo cruelmente, entregue às gárras
Do Meirinho voraz, qual tenra Pomba
Entre as unhas cruéis de Açor ligeiro.
Do meu pranto tem dó, e dos cansados
Longos annos da minha amarga vida. »
Aquî um magoado, e graõ suspiro
As queixas lhe atalhou; que o sentimento
A voz lhe congelou dentro no peito.

Entam o grande, e intrépido Gonsalves,
Assim, de brio cheio, e de ternura,

A tîmida Consórte alenta, e anîma.
—Enxuga o bello pranto, oh bella Sposa;
Que sem causa derramas, pois com elle
O forte coraçaõ me despedaças.
Eu naõ vou combatter algum Gigante,
Nem tenho o Tamorlaõ por inimigo;
Vou fazer meu officio, e bem conheço
A quanto me abalanço, e me aventuro.
Mas que dirá o Mundo, se vir hoje,
Que eu fujo dos trabalhos com o corpo?
De màis, que deste excésso, a que me arrojo,
Tu a cauza só és; pois d'outra sórte
Mal poderei, Meu ricco Bem, compràr-te
A Saya, a Cappa, a Fita, o Léque, o Pente.
Os annos estaõ cáros, e eu naõ devo
Um gancho desprezar, que raras vezes
A Ventura depára, e nos off'rece.
As Censuras, o Bispo, e sua vàra
Vaõs espantalhos saõ que naõ me assustaõ;
Eu naõ temo o Meirinho, nem da Igreja
O forte rayo, sem razaõ vibrado;
E para me livrar do Bispo às iras
Tenho braço, artes tenho, e tenho modo.
O susto deixa pois, que brevemente
Tu me verás tornar sem frio, ou fébre,
A gozar de teus mimos, teus favores. —
Isto dizendo, de seus braços fóge;
E mais ligeiro, que o ligeiro Gamo,

A esperar, se partio, sua Excellencia.

Jà, na ricca liteira recostado
Da Cidade sahîa o gordo Bispo.
Dous lacayos membrudos, e possantes
Guiavaõ a compasso os grandes machos,
E dous do mesmo talhe na dianteira
A lenta, e perguiçosa marcha abrîaõ.
Nos altos Campanarios os Donatos,
E das Freiras as Moças, muito alegres
Davaõ, como costumaõ aos badalos.
Quando o bom Escrivaõ, que prompto estava,
Qual sagaz Caçador, que alégre, e féro
A' porta d'uma mancha a rêz espèra,
A' liteira se chega, e respeitoso
Uma Carta ao Prelado lógo entrêga,
Na qual a Appellaçaõ descomedida
Em lettra garrafal îa traçada.
O innocente Pastor, que naõ suspeita
O veneno mortal, que em si levava,
Depois de lhe lançar a sancta bençaõ,
Com risonho semblante, péga nélla,
O sobrescripto rompe, e soletrando,
Entra a lêr com trabalho; mas, apenas
O sentido da astuta Carta entende,
Começou a tremer; das maõs lhe câhe
O atrevido papél. Naõ, se cem boccas,
Cem linguas eu tivesse, e a vóz de férro
Podería contar qual foi a rày va

Do gôrdo Bispo. A Ira, a Impaciencia,
A Soberba, a Vingança, e outras Furias
O rodeiaõ, o agitaõ, e o transportaõ:
O rosto se lhe inflamma; os ólhos tinctos
D'um vivo, e negro sangue lhe chammejaõ,
Escuma, géme, e brama, range os dentes.
Tam cruél, tam spantoso, tam feróz
Naõ tréme, naõ avança, naõ se rasga
O que mordido foi de Caõ danado,
Quando o triste venêno, que fervendo
Pelas veyas lhe córre impetuoso,
Ao coraçaõ lhe chega, e lh'o devóra,
Como o grave Pastor! A vil Perguiça
Que a seu lado jazia recostada,
Ao vê-lo, d'allî foge espavorida.
Em fim, em ràyva ardendo, grita e clama
Aos Lacáyos, que lógo, sem piedade,
Aquelle infame ousado lh'o castiguem.
Entam os insolentes vis Mochilas
Arrancaõ das espadas, que em desprezo
Das Leis, e Magistrado à cinta trazem,
E cheios de grande ira, quàes ráyvosos,
Arremessados Caẽs, que ardidos séguem
O féro Javali, que veloz fóge
A emboscar-se na densa, e vasta moita,
Córrem, sem tino, apoz o bom Gonsalves,
Que em seguro jà pôsto, ao pé da Guarda,
Os ólha com desprezo, e com insulto.

Naõ de outra sorte rubido Podengo ;
Que seguindo fiel, e lisongeiro
O rûstico Salôyo, que à Cidade
Vem, de seus Campos, a vender os fructos,
Se ao pé d'alguma esquina se demóra,
Preso da vista das formosas côres
Da galhofeira Cidadan Cadélla,
E sobre elle cahindo a roàz turba
Dos bairristas Cachorros, que a namoraõ;
Entre as pérnas mettendo a longa càuda,
Córre, sem se deter, até que chêga
Junto de seu Senhor, a cujas àbas
Seguro e confiado encrespa as ventas ;
Contra elles se revira, entam rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

Denodado Gonsalves, se meus versos
Alguma cousa pòdem, se rompendo
A nèvoa escura dos futuros èvos,
Sobre as azas do Tempo se espalharem
Pela terráquea mole, em quanto Alcaides
Quadrilheiros houver, houver Meirinhos,
O teu nome será sempre famoso,
Pelo heróico valor, com que abarbaste
Do gordo Bispo a temerosa sanha,
E dos Leiloẽs na praça, em quanto às nuvens
A fronte levantar a gran Lisboa,
Entre a terrivel pestilente córja

De Alguazîs desalmados, e vorazes
Com inveja, e louvor, serás de todos
Pelo primeiro Beleguîm contado.

Em tanto a Senhorîa, que presente
A esta Cómica scena sempre estêve,
Chama a Fama velóz, e lhe encarrega
Que a gran nòva ao Deaõ léve ligeira.
Estava entam o triste combatido
De alégres esperanças e temores
Umas vezes confia, outras receia,
Que o Escrivaõ medroso naõ se atreva
A proseguir no empenho começado;
Quando a rápida Fama em seus ouvidos
A nóva espalha do feliz successo.
Vós, Filhas da Memoria, que do Pindo,
Concordes habitáes as frescas sélvas,
Qual foi seu graõ prazer dizei agora.
De Baccho nas solemnes Anthesterias,
As desenvoltas Ménades naõ correm,
Nyctileo invocando, màis furiosas,
Do Deos, e da Alegria arrebatadas,
Como o farfante Làra córre as cazas
Gritando de contente. Os Moços chama
E a todos, entre grandes gargalhadas
Todo o successo narra. Ora lhes pinta
Do arrojado Escrivaõ a grande astucia,
Ora as vans iras do cruél Prelado

Oh geraçaõ humana, e quanto és fàcil
No meio da bonança a engrimpinar-te,
Sem temer, que a pellàda mà fortuna,
Lûbrica, extravagante, caprichosa,
Te vire as còstas, e te mostre a calva!
Tu, oh farfante Lâra, em pouco espaço
O viste, por teu mal, tu o provaste:
Pois, quando màis ditoso te julgavas,
De improviso fugio tua alegria,
Qual léve exhalaçaõ, que apenas nasce,
Nos abysmos do Céo desapparece!
Engolfado o Deaõ nas esperanças,
Que este fausto principio lhe annuncìa.
Aos Criados ordena *in continenti*,
Que para festejar o feliz cazo,
Uma splendida Cêa se prepare;
E à Vélha, que tambem de gosto salta;
Com risonho semblante intima, e manda,
Que naõ fique na grande capoeira
Folêgo vivo em tam festivo dia.
Naõ contente com isto, mayor pròva
De seu immenso gôzo dar pertende:
Que bizarro Concêrto de preludio
Sirva ao farto banquête, determina,
Da Musica melhor, que hà na Cidade.
E por dar màis prazer aos Convidados,
De Cavallinhos fuscos, depois della,
Na vaga salla, com soberba pompa,

O galante spéctàculo prepara.
Entam a convidar, saltando, envia
Do Cléro, e da Milicia cem pessoas.

Ao passo que estas cousas se faziaõ,
A despiedosa vèlha férozmente
A barbàra sentença executava,
Cem Galinhas, cem Frangaõs degolando.
Entre todos havîa um velho Gallo,
Páe da grande familia, victorioso
De cem féros rivàes, e respéitável
Pelo roxo esporaõ, e roxa Crista:
Deste pois, nem sequér, o vulto escapa
Da grande mortandade, e com seu sàngue
De seu cruel Senhor honra o festejo.

CANTO VII.

Entre tanto, surdindo a Noite escura
Do Bòsphoro Cimmerio, e despregando
As estellantes azas, envolvia
Todo o nosso Emispherio em densa tréva;
Quando na Caza do Deaõ triumphante,
Ajuntando-se vaõ os Convidados.

Vós, Deosas de Parnasso, vós agora
Novo fogo inspirai dentro em meu peito;
Regei-me a voz cansada, e o débil canto,
Por que nelle celebre dignamente
De tam altos varoẽs nomes, e manhas.

O primeiro que entrou na grande salla
Foi o môço Sequeira, que hombreando
C'o Pàe sagaz, na usura, e na trapaça,
Lhe sobre-leva muito de avareza.
D'uma sebenta, desbotada fita,
A bengala da dextra traz pendente,
Com que as moscas enxôta do Castello.

Apoz este se ségue circunspecto

O Noventa-cabellos, conhecido;
Pérfido Achates do pomposo Lara;
Homem sizudo e grave, e o máis callado
De quantos pizaõ d'Elvas a Cidade;
Excépto o triste, misero Tacanho,
Que gerou, por seu mal, o vélho Torres.
Muitos d'elle murmuraõ (Feya Inveja
Quem de teus dentes ficara izento,
Se naõ te escapa a simples Innocencia?)
Que naõ falla, por que fallar naõ sabe.
Outros porêm màis justos o defendem,
E às estrellas o sóbem; pois ao menos
Se naõ sabe fallar, sabe callar-se,
E qual lûbrica, negra sanguisuga,
Que afferrando-se á pélle, se naõ sólta,
Sem de todo fartar a cruél sede,
Dos que encontra às orêlhas naõ se agarra,
E sem antes gastar-lhe a paciencia,
Com questoẽs importunas os naõ larga,
Como costuma o Zóte do Sardinha.
Nas ancas deste entrou esbaforido
O Vellozo, Arithmético affamado;
Capaz de duvidar até de Christo;
E que tem de loquaz, e de arengueiro
Quanto de taciturno tem o outro,
Elle sabe de *Acclamo* o grande Schólio,
De càbo a rabo, sem falhar-lhe um verbo;
E à força de Páe vélho, algum pedaço

Vérte em mào Portuguez, do Tridentino.
Com o que, e repetir alguns exemplos
Da longa Jesuitica Syntaxe,
Passa, entre os seus, por homem consummado:
Bom Juiz de Sermoẽs, e Pregadores,
A pezar do atrevido Cazadinho;
Que, por ser o barbeiro do Prelado,
Arrogar este cargo a si pretende.

Pouco tempo depois, ao béque dando
Entra o vaidoso mulheril Perinha,
Ramo insigne dos Gatos-Rodovalhos,
E Chéfe dos Peloẽs da sua Térra.
Entam de Senhorias toda a Caza,
Qual d'um picante enxame de mosquitos,
Azoinada se vio: umas da bocca
Em borbotoẽs lhe sáhem, outras lhe entraõ
Pelas grandes orelhas lisongeiras,
E sobindo-lhe ao cérebro, a cabeça
De illustrissimos flatos lhe enchem toda.
Naõ passou muito espaço, sem que à porta
Se naõ vissem chegar ambos os Bichos,
Alegria, e prazer da Elvense Térra;
O Leite, e o Barquilhos, tam famosos,
Aquelle, pela teima, com que intenta
Mongir d'um grande Bòde as grandes têtas;
Este, pela piedade, com que vendo
Jazer em térra morto o bravo Touro,

Que os càlçoẽs de Camurça lhe rasgara,
Por que o Céo suas culpas lhe perdoe,
Perdôa em altas vozes, generoso,
O estrago do vestido, e a grave affronta.
Estes, por onde passaõ mil apodos,
Mil graças, e risadas, entre a bulha
Do vulgo insultador soar se escutaõ,
Naõ de outra sórte vio Lisboa, um tempo;
Da vil plebe entre a grande borborinha,
Passeiar suas ruas hombro a hombro
O célebre Dom Felix, e o Caturra.

Mas outro entrando vem, de insignes prendas,
Que no engenho, agudeza, brio, e garbo,
Com os dous póde bem correr parelhas.
Affastai, affastai: deixai passa-lo;
Que é o grande Salgado, cujo nome
Por todo o Alem-tejo, em suas trompas,
Com sonóro louvor publica a Fama.
D'elle relata pois a chocalheira,
Que inda o Ról pendurado traz ao côllo
Das Moças, que, em Mancêbo, namorara,
Onde, com distincçaõ, se lem seus nomes,
Suas graças, e dótes. Pelas prados,
Que o Hebro cristallino córta, e rega,
Tantas, de Amor captivas naõ seguiraõ
De Thracia a graõ Cantor, que a chara sposa,
Na solitaria praya descansando,
Duas vezes perdida, em vaõ chamava,

Quantas o Ról contêm, desde a máis baixa
E roliça fregona, até a Dama
Mais nobre, màis gagé, e màis Xarifa,
Hoje porêm, que em màis serios estudos,
Os dias gasta, desfrutando a honra
D'a rûstica curar gente da vârgem,
Inda este phrenesî curar naõ pôde
Nem da Empyrica sciencia o graõ segrèdo,
As hervas, Cataplasmas tem bastado,
Para os males curar-lhe da cabeça.

Eis outro chega, de naõ menos fama;
Cavalheiro do porte dos Venegas,
Que muitos Infançoẽs por Avós conta:
Este sô comerà d'uma assentada,
Sem que papo lhe faça um Boi inteiro;
E como quem um còpo bébe de agua
De Caffé, Chocolate, Chà, Sorvêtte,
D'um trago beberà toda uma pipa.
Elle Ceia naõ hà, naõ hà Merenda,
A que prompto naõ vôe, naõ assista.
Tam rápida calar das altas nuvens
Naõ vê o Passageiro, em largo Campo,
A grasnadora gràlha, o negro Côrvo,
Sobre o triste animal, que de cansado,
Em comprido caminho deu a ossada,
Como correr se vê o bom Fidalgo
A' voz, e cheiro do màis vil banquêtte.

D'ésta Canina fòme, que o devóra,
De *alarve* lhe ficou o gentil nome,
Com que em toda a Cidade é conhecido.

Nem tu has-de deixar de ser lembrado
Em meus versos, Prior da Sancta Igreja
Que Alcàçova ennobrece; tu, que sendo,
Um tempo, branco e louro, te tornaste
Por artes encantadas, negro e pardo.
Este na Salla entrou de lôba e càppa,
Mas debaixo do braço, co' a Catâna,
Com que em noites de escuro tem brigado
(Se de seu graõ valor naõ mente a fama)
Muitas vezes, com todos os Dìabos.

Entam tremendo chega a passos lentos
O longévo potrôso do Saldanha,
Que em régras económicas bem pode
Dar sóta e àz ao Grêgo Xenophonte.
Para pròva do seu contentamento,
Se adórna do vestido Domingueiro;
Sobre uma véstia branca airoso traja
Cazaca que foi nêgra hà quinze lustros;
Os Calçoẽs éraõ pardos, e os sapatos,
As meyas, e espadim, e os outros cabos
Em nada do vestido desdiziaõ.

A seu lado marchava o vélho prêto,
Com a suja panèlla, em que costuma

Ajuntar as reliquias dos banquettes,
A que assiste faminto, e com que passa
O résto da semana co' a familia.

Tu tambem, grosso Sylva, lustre, e gloria
Da tua Patria, antiga Torres-védras,
Doutor em Anno-histórico, naõ foste
Dos ultimos, que entrou na ricca salla.

Estes, e outros varoẽs de igual calibre,
Dignos todos de ſama, e maravilha,
Honraraõ nesta noite a grande késta:
Mas da Justiça o amor me naõ consente
Que eu deixe vòssos nomes envolvidos
Entre a tréva, que espalha somnolenta
A agua estôffa do sombrio Lethes:
Bolorento paõ ralo, e tu, que fallas
A lingua da Mourama, oh bom Gonsalo,
E que os Meloẽs, e Peras almotaças,
Com tanta recſidaõ ao Povo d'Elvas,
Quando empunhas sevéro a rubra vara.

Juncta em ſim a selecta Companhîa,
O vistoso Sallaõ em torno c'roaõ.
Entam ao Choro, que esperando estava,
Deu sinal o Deaõ, e uma Sonnata
De Cravo, de Machêtte, e Castanholas
Da Orchestra strepitosa foi preludio,

A que um Duo se ségue, cousa rara!
E que ignal nunca vio em seus theatros
Milaõ, Veneza, Nápoles, Florença.
O grande Eugenio, e o famoso Felix
Foraõ os dous *Virtuosos*, que o cantaraõ.
Se tu, oh estremada Zamperini,
Que em Lisboa os Casquilhos embaraças,
Seus suaves accentos escutáras,
Passages, e volatas, bem que as Graças
Lisonjeiras te cérquem, e derramem
Em teu pèito, e garganta mil encantos,
Com que as tres filhas d'Achelôo vences,
Quantos nóvos encantos apprenderas?
Depois o Vidigal ligeiro toma
Uma Bandurra, que na Orchestra estava,
Por maõ de insigne Mèstre trabalhada:
Nella se viaõ, sobre a branca fáya,
De marfim embutidas, e páo sancto,
As folías do filho de Seméle,
Quando, do Ganges, triumphando, á Grécia,
Entre ledos tripudios se tornava.
Estava o gôrdo Deos allî sentado.
N'um grande Carro, que virentes parras,
Contra os rayos do Sol todo toldavaõ;
Uma bojuda pipa, que esparzia
Um largo jórro de liquor vermêlho,
De throno lhe servia; e o Môço imbérbe
C'o verde thyrso, c'uma maô picava

Os dous accesos mosqueados Tigres,
E c'o a outra chegava à secca bocca
De saboroso sumo um cheio vaso.
Apoz elle se via debuxado
O bebado Sileno, sobre um ruço,
E cansado jumento; de verde héra
C'roada a fronte tinha o semi-capro;
E com tal arte figurado estava,
Que a cada passo do animal imbelle,
Aos olhos dos que o vem, se representa,
Que balançando o semi-deos cahîa,
C'os fumos, que a cabeça lhe toldavaõ:
De folioẽs Silenos uma trópa,
Quasi para o suster, o rodeava,
E sobre ella lançava o bom Sileno,
Todo risonho, os mal-abertos olhos.
Precediaõ o Carro desgrenhadas
Mil Bacchantes, e Satyros lascivos,
Dando nos ares descompostos saltos.
Uns toccavaõ bozinas retorcidas,
Outros rijos adufes, e pandeiros.

O Vidigal, pegando no instrumento
Se encommendou ao Déos, a quem amava
E dando à escaravelha largo espaço,
Até de todo temperar as cordas,
Soltou a bruta vóz, com que costuma
Levantar os Momentos, nos enterros.

Com tam grande attençaõ naõ pendem promptos
Do novo Batalhaõ da Elvense Térra
Os marciáes soldados, na parada,
Da voz agallegada do Malifa,
Quando o manejo, à falta d'homens, rége,
Como a festiva Companhia pende
Dos duros bérros do Cantor famoso,
Que da Patria em louvor, assim dizia:
» Oh grande Elvas, Cidade em todo o tempo
Por teus famosos filhos memoranda!
Hoje até ás estrellas meus accentos
Teu nome levaráõ, e tua fama
Mas d'onde a minha vòz a teus louvores
Dará principio? Tu, oh brincaõ Baccho,
Como tens por costume, tu me inspira.
Mil, em silencio deixarei, successos,
Em mais remótos tempos célebrados,
Que tua glorîà illustraõ; pois naõ pòde
Um engenho mortal todas as cousas:
E a louvar passarei do teu Senado
A rara, e nunca-vista Economia,
Com que no vélho, já-rachado sino,
Por se acharem as rendas do Concelho
Em luminarias, luttos, e propinas,
Todas (em seu proveito) consumidas,
Quatro gatos mandou lançar de ferro.
Com tal arte ferîa o Cantor déstro
Do pequeno instrumento as tézas córdas

(Accompanhando o som, com que cantava
Este estupendo gracioso cazo)
Que, ao batter das pancadas, parecîa
Que se ouviaõ no sino as marteladas.
» Que direi, (proseguio) da subtileza,
Com que mandar gravaste sobre a porta,
Que tem de *Esquina* o nome, em negra pédra,
Por que ninguem a lê-la se atrevesse,
A famosa inscripçaõ, em negras lettras?
Mais intrincado, màis escuro enigma,
Que o que nas portas da famosa Thébas,
Por destino fatal, aos peregrinos
Feroz propunha a monstruosa Sphinge. »
Aquî, para tomar maior alento,
Um pouco se callou; e em alvo pondo,
Como quem pensa em cousas màis profundas,
Os turvos ólhos, préga um grande escarro,
Com que assustou os Circunstantes todos;
E de nôvo começa: « Oh! se eu lograsse
A grande dita de nascer em Roma,
E allî, na tenra idade, me tivéssem
Qual mîsero, e novél frangaõ castrado,
Que entam só dignamente, em fino tiple,
Qual Achilles, nas Operas d'Italia,
De teu grave Senado cantaria
A acçaõ maior, que viraõ as Idades!
Tu, oh Pôvo miûdo, e Pôvo grôsso,
Que dos Touros ao barbaro combatte,

Presidido dos sérios Magistrados ;
Lá na Praça assistias galhofeiro,
Tu testemunha foste ; e no futuro
Testemunha serás, que eu naõ matizo
Com falsas cores o notavel feito,
Fallo de profusaõ, com que lançaraõ ;
Ao primeiro rumor, e ainda incérto,
Com que a Fama espalhava vagamente
A noticia dos Régios Desposorios
Da Princesa Real, Real Infante,
Depois de terem feito bem o papo,
As reliquias da pródiga Merenda,
Sobre as cabeças da apinhada gente.
Entam (cousa pasmosa !) os óvos mólles,
Arroz doce, Cidraõ, e Leite crêspo
Cobriraõ n'um instante toda a Praça,
Que o Pôvo, às rebatinhas, apanhava,
De toda a parte entam chover se viaõ
(Qual nas tardes de Mayo, quando Jove,
Com a rubida maõ dardeja irado,
Por entre as negras condensadas nuvens,
Com medonho fragor torcidos rayos,
Cahe a grossa saràyva, enchendo os Campos)
As pélas do tostado Manjar branco. »
Aquî chegava, quando os Convidados,
A quem de tantos doces a lembrança
Tinha feito crescer àgua na bocca,
Da demóra da Ceia impacientes,

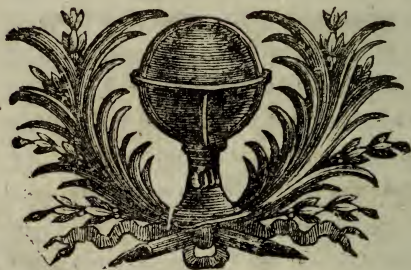
E da fóme voraz estimulados,
Em tropel se levantaõ, e lançando
Pela térra Cadeiras, e Instrumentos,
Correraõ para a meza, onde scintilla
Nos dourados cristáes, nos finos pratos
A radiante luz de cem bugîas.
O primeiro que occupa a Cabeceira
É o tôlo Aguilar; sem comprimento
Entra lógo a cevar a fera gula;
Exemplo, que os màis séguem vorazmente.
Brilha nos còpos o rosado sumo,
Que destérra a cruél melancholia
Da meza festival, — reina a Saude!
Mas de todos tu foste, oh graõ Gonsalves,
Quem as primicias cólhe; todos brindaõ
A teu grande valor, á tua astucia;
Em quanto tu, no cóllo recostado
Da prezada Consorte, entre os seus mimos,
Do Bispo. e do Deaõ te estavas rindo.
A Alegria reinava em toda a meza;
Mil chistes, mil apodos, mil pilhérias
Giravaõ sem cessar; sua Excellencia
De todos éra o alvo; todos nelle
Malhavaõ satisfeitos e contentes,
Posto que éra malhar em ferro frio.
Uns a brilhante escôlha lhe louvavaõ
Dos Synodáes Theòlogos, do Arronches,
Eximio Prégador, que leu inteiro

O Livro dos Conceitos predicaveis,
O Zodiaco sob'rano, e outros muitos,
Que na Schola Capucha estaõ em preço;
Do Guardiaõ dos Capuchos, do Roquêtte,
Thomista petulante, e confiado.
Outros a pre-potencia celebravaõ,
Com que de motu proprio, um pobre leigo
Despejar promptamente fez, das Cazas,
Para nellas viver o seu barbeiro.
Este a grande philaucia encarecia
Com que a Portuense mitra na cabeça;
E seu bàgo reger jà se suppunha,
Officios repartindo e Dignidades.
Aquelle murmurava da arrogancia,
Com que Ministro eleito à grande Roma
A julgar-se chegou, e rodeado
De Pages petulantes, e Lacayos,
Jà o Tibre assoberbar, e as verdes margens
Em malhados frizoẽs imaginava.
E todos, sem respeito, blasphemavaõ
Da fatal ignorancia, ou liberdade,
Com que a pezar dos Canones sagrados,
Beneficios curados entregava
De avaros Regulares entre as garras.
Nem tu, gentil Roupaõ de fresca Xita,
Com que à grande janèlla empanturrado
Da inutil, ociosa Bibliotheca,
Nas noites de Veraõ a calma passa,

A's suas tezouradas escapaste.

Entre tantos motejos, só, callado,
Chupando os dedos, e roendo os ossos;
Comîa, e máis comîa o Dom Alarve;
E algum caso fatal, de quando em quando,
Todo cheio de espanto, recontava
Do Anno histórico, o grosso e tôrto Sylva;
Quando, súbitamente (caso horrendo!
Que as carnes faz tremer ao repeti-lo!)
O velho Gallo, que n'um prato estava,
Entre frangaõs, e pombos lardeado,
Em pé se levantou, e as nûas azas
Tres vezes sacodindo, estas palavras,
Em vóz articulou triste, mas clara:
— Em vaõ, cruél Deaõ, em vaõ celebras
Com nósso sangue o próspero successo,
Que a futura victoria te promette;
Que por fim cederás a teu contrario. —

Disse: e cahindo sobre o grande prato,
Sem mexer-se ficou. Neste momento
Um gelado suor dos Circunstantes
Banha as pàllidas faces; os cabellos
Nas frontes se lhe erriçaõ; largo espaço
Immóveis ficaõ, sem dizer palavra.
Mas o perdido spirito cobrando,
Se levantaõ tremendo, e pela terra

A recheada meza baquearaõ:
Trez vezes se benzeraõ co' a maõ toda;
Trez vezes, mas em vaõ, esconjuraraõ
O fatal Gallo, que jazia morto;
E mil, a infausta Ceia, dando ao Démo,
Se foraõ, sacodindo os calcanhares.

CANTO VIII.

NA superior instancia introduzida
A grande Appellaçaõ, ardîa a guerra.
Dous Rábulas famosos trabalhavaõ
Em offuscar das Partes o direito.
Quantos rançosos livros, que jaziaõ
Sepultados em pó, meios-comidos
Da cruél e vóraz, maligna traça,
Tornaraõ outravez a vêr o dia!
A Excellencia, a Discòrdia, a Senhorîa,
Cada uma de per si os excitava;
E sobre tudo a fóme devorante
Do luzente metal, quo o Mundo encanta.
De papel muita rêsma, em lettra grifa,
Onde, a montoẽs, os Textos, os Doutores,
Sem ordem, e sem tempo se allegavaõ,
Cada qual, de si pago, tinha escripto.

Quando o Génio feróz das Bagatéllas
Uma fiél balança nas maõs tòma,
E n'um dos aureos discos poem attento
As razoẽs do Deaõ, n'outro as do Bispo;

E vendo, que éstas tinhaõ maior pezo,
Tal vez por terem màis papel e tinta,
Por um geral Edicto à Côrte chama
Os vaidosos Magnates, e em senzala,
Com fera continencia, assim lhes disse:
» Nunca a pensar cheguei, que em meus vassallos,
Que do Orbe a estimaçaõ, e o ser me dévem,
Tam louco algum houvésse, e tam ingrato,
Que combatter ousasse meus projectos!
Mas o Tempo, que a todos desengana,
Me mostrou quanto errava, e quam perdidos
Saõ, com ingratos, grandes beneficios!
Este enórme attentado merecia
Um castigo exemplar; mas a Clemencia,
Companheira fiél do meu Imperio,
A espada me suspende, na esperança
Da prompta emenda. » Aquî fitando os ólhos
Na pallida, e confusa Senhorìa,
Desta sòrte prosegue em seu discurso:
» É pois minha vontade, ordeno, e mando,
Sob pena de incorrer no desagrado
Do meu Real Favor, de abrir os ólhos
Do mundo fascinado, e de mostrar-lhe
Que nada tem de real vossas Pessoas;
Que todos saõ phantásticas Chyméras:
Que nenhum de vos-outros se intro-metta
No famoso litigio, que hoje còrre
Entre o Bispo, e Deaõ da Igreja d'Elvas. »

Sevéro, isto dizendo, se retira,
Deixando a todos tristes e confusos.

Mas a van Senhoría, que conhece
A quem as ameaças se encaminhaõ,
Vendo, por este módo as maõs atadas,
Para seguir o empenho começado,
A carpir, se retira, n'um deserto,
Sua grande disgraça, envergonhada.
Entre tanto o Deaõ confuso, afflicto
Passava as horas, na memoria tendo
Do lardeado Gallo o infausto annuncio.
Pouco e pouco a cruél Melancholîa
O devóra, e consóme; naõ graceja,
Como d'antes usava, co' a familia:
Mas em seus pensamentos abysmado
Comîa pouco, pouco repousava,
Nem joga, nem Caffé, nem Chà bebîa.
No pico d'um rochêdo solitario,
Entre as trévas da noite carregada,
Taın lûgubre gémer de quando em quando,
O feio, e rouco Môcho naõ se escuta,
Como o pobre gemîa retirado
No escuro canto d'uma nûa salla.

Entam a zelosa Ama, a quem penétra
Do afflicto Patraõ a grave pena,
Um dia lhe fallou, por esta forma:

— Que tem, Senhor Deaõ? que magoa é éssa,
Que tam mudado o traz do que antes éra?
Mal haja quem lhe dà tanto cuidado!
Essa cara, Senhor, que n'outro tempo,
Era cara de Páschoas, tam alégre,
Tam gôrda, e Reverenda, tam affavel,
(Até para os seus Sérvos) tam mudada
Està do que jà foi, que hoje parece
Uma cara de angustias! Naõ socéga;
Mas em triste silencio sepultado,
Nem tóma o seu Caffé, nem joga o Wisth!
Supponho que lhe déraõ mal de olhado!
Ah! se esse for seu mal, prompto remedio
Em mim encontrarà; pois do quebranto
Sei benzer, e curar por mil maneiras:
Porêm, se a causa é outra, naõ m'a occulte;
Que talvez lh'eu descubra algum alivio:
Pois, mil vezes, na planta despresada,
Està de grave infirmidade a cura. —

» Ama (diz o Deaõ) para que é tonta?
Por ventura naõ sabe o graõ litigio,
Que trago com o Bispo; em que meu brio
O meu ser, minha gloria se interessaõ?
Naõ se lembra tambem do infausto agouro
Do lardeado Gallo? Que mais cauza
Em mim pertende pois de viver triste?
Oh! se os Astros crueis tem ordenado

Que eu a demanda pérca, de repente
Me verà estalar sem frio, ou febre,
Entre as bàrbaras maõs deste disgosto. »

—Senhor Deaõ (replica entam a Ama)
Se da sua tristeza é essa a causa,
Tem por certo rasaõ para affligir-se;
Supposto, que naõ é o mal tam grande,
Que naõ possa remedio ter ainda.

Eu, sendo môça, instituida
Fui nas artes da Madre Celestina,
Pela vélha Canidía; muito trato
Tive entam com o sabio Abracadabro,
Famoso Encantador, que ainda vive,
Naõ longe deste sitio, n'uma gruta.
Este estupendo Mágico conhece
Das pédras, e das plantas as màis raras
As occultas virtudes; sabe a lingua
Das Aves, e Animàes; com seus conjuros
Muda as louras searas; sobre a terra
Mil vezes faz descer trovoẽs e rayos;
Arranca do alto Céo a branca Lua;
Em negro Urso mil vezes se convérte,
Mil em Lôbo Cerval, e mil em Touro:
Este pois mudar pòde do Destino
As Leis, e a Natureza; e mentiroso
Tornar (se lhe parece) o triste agouro

Do diabólico Gallo. A consulta-lo,
Se fôr do seu agrado, iremos ambos. —
Disse: e o Deaõ suspenso largo espaço,
Sem saber resolver-se, mudo fica.
Umas vezes se anima, outras receia
Do Mágico feroz o horrendo aspecto.
Naõ de outra sorte está Carvalho annoso,
Que em torno, pelo pé, sendo cortado,
Pendente d'um sò fio, com a quéda
Cem partes ameaça, e a verde cópa
A nenhuma por longo tempo inclina.
Finalmente, o dezejo da victoria
Vence o frio temor. Tanto em seu peito
Póde a Rayva, póde a cruél Vingança!
Dando um grande gemido, estas palavras
Do màis intimo d'alma afflicto arranca:
» Vamos, Ama, buscar o grande Sabio;
E verêmos se tem meu mal remedio. »

Era alta noite, e a térra esclarecia
Com duvidosa luz a branca Lua,
Quando o Deaõ, pela Ama conduzido
A um monturo se foi, onde ambos juntos
Se dèspem promptamente, e untando o corpo
Com sangue de Morcêgo, e de Toupeira,
Sobre sordidas pennas se espojaraõ.
Entam o corpo todo agita, e môve
Com medonhos esgares, e rosnando

Em baixo som, por entre os pôdres dentes.
Cértas palavras a espantosa Vélha,
Ao farfante Deaõ diz açodada :
= Voêmos. = E n'um ponto (cousa rara !)
E que igual nunca fez Juan de las vinhas!
Pelos ares voaraõ livremente,
Procurando de Archîmago a morada.
De Alcaçova o Prior, homem vexado
De nocturnas visoẽs, que entam a Caza
Do Nunes Bacchanal, em companhia,
D'um puxativo escalda, se tornava,
Vendo alçar-se da terra os negros vultos,
Arranca da brilhante Durindana,
E o capóte traçando velozmente,
Poem-se no réto, parte, atira um furo,
Faz pé atraz ; mas tropeçando acaso
N'um podengo, que à força de pedradas,
Os travessos rapazes tinhaõ morto,
De còstas se estendeu na dura térra,
Coberto de vergonha, stêrco, e lama.
Entam màis furioso se levanta ;
E c'um gólpe mortal a partir tórna.
(O Pejo, e o Furor lhe dóbra as forças!)
Bérra, salta, esconjura, poem preceitos,
Sem descansar, talhando os subtîs ventos :
Mas tudo em vaõ ; que léves, e seguros,
Nadando pelos ares, se sumiraõ
Os novos Antropógriphos nas nuvens.

Tu só, nesta aventura, infelíz Nunes
Provaste a furia do pezado braço;
Pois, ao vibrar um talho o Dom Quìxote,
C'o rabo te chegou da rija espada,
Pregando-te um gilvaz pelos fucinhos,
Com que em duas te fez a aguda barba.

Nas entranhas d'um monte solitario,
Que entre as nuvens esconde a calva fronte,
Assiste Abracadabro, a quem patentes
Os profundos mysterios da Cabala,
E todas as leis saõ da Onomanîa.
Mil Globos, mil Compassos, mîl Quadrantes
Confusos jazem no sòmbrio alvergue:
Allî Bethyles hà, ha Cheloníles,
Coraçoẽs de Toupeiras, hà entranhas
De vãos Cameloẽs, hà pedras d'Ara,
E mágicos espelhos, hà cabeças
De mórtos animaes, Iameiras Virgens,
Hypomanes, Mandragoras, e outras hérvas,
A' luz colhidas da nascente Lua,
Nas campanhas do Ponto, e da Thessalia.
Aquî Ama, Deaõ déscem, a tempo
Que á mal-accesa luz d'uma Lantérna,
Um Talisman o Màgico compunha.
Ao feio aspecto do fatal hospicio
As carnes ao Deaõ se arripiaraõ.
Coméça a vacillar; mas a malvada

Velha Bruxa o segura , alenta , anima.
Entraõ pois onde o Sabio trabalhava,
E prostrada por terra a vil Carcaça,
Desta fórma o silencio interrompia :

Famoso Abracadabro , a cuja illustre,
Alta sciencia os Fados concederaõ
Dominar Elementos , e Planetas ,
Este , que vês (eu creio o naõ ignoras)
É o nòbre Deaõ da Igreja d'Elvas ,
Pelo arrogante Bispo perseguido :
Do teu grande podêr se chêga às abas.
Com o gôrdo Prelado , e seu Cabido
Uma demanda traz ; para vence-la
Tuas artes procura. Ah! se algum dia
Com teu alto favor benigno honraste
Esta Sèrva fiel , por elle mesmo
A teus pés humilhada hoje te peço,
Que o queiras amparar , Elle o merece
Por triste , e desvalido ; e pelo grande
E profundo respeito, que tributa
A teu alto Saber , ás tuas barbas.—

Aquî o Velho Magico lhe tòrna :
» Nada do que tu dizes me è occulto ;
E por elle , e por ti provar intento
Quanto minha arte póde . » Isto dizendo
Todos tres se sahiraõ da caverna ,

E à mal-distincta luz da frouxa Lua,
Sobre a raza Campanha Abracadabro,
Com uma curta vara, quatro linhas
De circulos pequenos lògo traça:
A estas linhas junta tres ſileiras
De outras, iguaes em tudo, quatro linhas;
E entre si alguns cîrculos unindo,
Dellas varias ſiguras prompto forma:
Umas se chamaò Maẽs, as outras Filhas,
Testemunhas, e Arbitros; isto feito,
Diversas hervas queima, e murmurando
Tres vezes, ao redor, cértas palavras,
Começou a tremer toda a montanha,
Cem espantosas féras, cem serpentes
Se ouvem bramir, silvar ao mesmo tempo.
Entam na frente do Deaõ pellado
Os cabellos, que ainda lhe restaraõ,
Em espêtos se tornaõ, pelas veyas
Subitamente o sangue se lhe géla.
Mas quando vio sahir da rude furna,
Horrendamente uyvando, um Caõ medonho,
De negro, spêsso, retorcido pêlo,
Que lança pelos ólhos triste fôgo,
E chegar-se do Màgico às orêlhas,
De todo perde a côr, o àlento pérde:
Tres vezes quiz fugir, e tres o Mêdo
Os passos lhe embargou; immóvel ſica,
E semi-vivo respirar naõ pòde.

Passado finalmente um brève espaço,
Com horrendo fragor se abre a Terra,
E crepitandes chamas vomitando,
Em seu ardente seyo o monstro esconde.

Entam, deixando o Bruxo o féro encanto,
Para o Deaõ se vólta, e nestes termos
Com feia catadura lhe responde:
— Em fim naõ hà remedio: nada pòdem
C'o Fado inexoravel meus conjuros:
Nos duros diamantes tem escripto
Que a lide perderàs. — A estas vozes
Todo o valor cedeu do heroico Lara:
Começou a tremer, e sobre a terra
Sem alentos cahio, e sem sentidos.
Sobre elle se debruça a torpe Velha,
Chorando amargamente. Abracadabro
A' gruta corre, d'onde, compassivo
Trazendo um negro frasco, todo cheio
D'um spirito vital, lh'o arruma às ventas.
Entam um graõ suspiro derramando
O Deaõ abre os òlhos, e começa
A cobrar os alentos, que perdêra.
Por largo espaço o deixa o Nigromante
Repousar em descanso, até que ao vê-lo
De todo do desmàyo recobrado,
Com mófa, e compaixaõ assim lhe falla:

— Naõ cuidei, que tam pouco esforço tinhas,

Perguiçoso Deaõ, imbèlle, e fraco;
Que uma sentença contra ti vibrada
Te fizesse perder de todo o alento:
Mas ès Cónego emfim, e tanto basta!
Ignóras tu acaso que as disgraças
Pedras de tóque saõ, onde os quilates
Das grandes almas sempre resplandecem?
De màis, que os duros Fados tam injustos
Naõ saõ para comtigo, que vingança
A teus grandes aggravos naõ permittaõ: —

Ao eccho da vingança o antigo esforço
Cóbra o pallido Lara; e alvoroçado
Esta pergunta faz ao vélho bruxo:
» E que vingança é éssa, Abracadabro,
Que o Fado me promette? » Entam o sabio
Com sevéro semblante lhe responde:

— Virà a succeder-te no Deado
Um novo Heróe da tua mesma raça.
Este, sendo tambem indignamente
Pelo orgulhoso Bispo injuriado,
Por que à porta recusa do Cabido
Ir, como tu, a off'recer o Hyssope,
Para em salvo se pôr de seus insultos,
Deixando, sabiamente acconselhado,
De venàes Magistrados o recurso,
Refugio buscarà nas sanctas Aras

Onde Thémis preside, e firme asylo
Achaõ contra a violencia os Opprimidos.
Os Ministros da Deosa, que zelosos
De seu altar, e culto, attentos séguem
As pizadas do Princepe famoso,
Que dando ao Sacerdocio, ao Scéptro dando,
O que è do Sacerdocio, o que è do Sceptro,
Tem de ambos os podêres felizmente
As sagradas balizas assignado,
E defendem com prompta vigilancia
Da Real Jurisdiçaõ os justos termos;
Ao Bispo mandaraõ, por seu Decreto
Que a razaõ deste excesso logo assine.
A' fatal vista do impervisto gólpe,
Tam consternado fica o bom Prelado,
Que com fraqueza vil dolosamente
(Accaõ bem digna só d'um home' indigno !)
Do Livro mandarà riscar as mulctas;
Negarà tê-las feito, e negaria,
Se necessario fosse, o mesmo Christo,
Entam desistirà, cheio de mêdo,
Da pertendida pòsse, e seus direitos;
E a pélle convertendo na apparencia,
De féro Lobo, se farà Cordeiro. —

Disse : e o Deaõ, de ouvi-lo satisfeito
Mil graças dava aos Fados, dava ao Sabio,
Mil à Vélha; que a vê-lo o conduzira.

Já a Aurora, deixando enfastiada
Do potroso Titaõ o frio leito,
Sobre o Carro, de aljofres guarnecido,
Com um mólho de rozas excitava
Ao veloz curso ao remendadas Pias,
Que os freios mastigando de diamante,
Por ólhos, e por ventas scintillavaõ
Trémulos rayos, que de luz cobriaõ
Os longo-apavonados horizontes:
Quando a Vélha, o Deaõ, ambos deixando
O grande Abacadabro, e sua gruta,
A descansar da longa ameijoada,
Para Caza velozes se partiraõ.

Era jà alto dia, e retumbava
Em alegres repiques Elvas toda;
Quando o Deaõ acòrda ao grande ruido
E chamando os Criados lhes pergunta,
Qual do grande Zaõ-Zaõ era o motivo.
Entam o Cuzinheiro, debulhado
Em lágrimas lhe conta, que a noticia
De ter vencido o Bispo o grande pleito,
Que trazia com sua Senhorîa,
Tinha, hà pouco, chegado por um Propri
Que em todas a Igrejas naõ havia
Sino grande, Matràca, ou Campaînha
Que, em sinal de prazer, se naõ toccasse,

Acabou o bom servo a triste arenga,

De seu peito exhalando um graõ sóluço;
Mas sua Senhoría consolado
Da futura vingança com a imagem,
Sem alterar-se, ouvio a infeliz nóva.

F I M.